

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO V

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1918

Nº 60

**Grupo mantenedor:** B. Klinger, Pompeu Cavalcanti, Pantaleão Pessôa, (redactores); Souza Reis, Maciel da Costa, Lima e Silva, Parga Rodrigues, Leitão de Carvalho, Euclides Figueiredo, J. Franco Ferreira, Newton Cavalcanti, J. Ramalho.



## SUMMARIO

### PARTE EDITORIAL

Culto aos regulamentos como base da educação militar e dictame da disciplina. Má vontade, vulgo inexequibilidade.

Nada produzem o pedantismo e a chicana. —

Os concursos na Escola Militar e os programmas de ensino.

### PARTE JOURNALISTICA

Notas sobre a organisação militar.

Gen. Mendes de Moraes

1º Tte J. de Godoy

Lei de mobilisação.....

1º Tte Sylvio Schleider

A doutrina de guerra e o Estado

Traducção

Maior .....

Capitão Lima e Silva

Reconhecimentos.....

Capitão Souza Reis.

Commando de tropa em gabinete.

Tte Barbosa Monteiro

Instrução de combate .....

Ttes Lima Mendes e E. Figueiredo

Caçada da Lebre.....

Capitão Jansen Tavares

O Regulamento de Equitação.....

Capitão B. Klinger

A reconstrucção da fortaleza de

1º Tte Maciel da Costa

Santa Cruz.....

Fogo ceifante na artilharia.....

Cuidados com a saude.....

### NOTICIARIO

A influencia das armas de fogo sobre a tactica e a instrucção da infantaria — Projecto de regulamento p<sup>a</sup> os serviços do exercito em campanha — Agradecimento — Os progressos da "A Defesa Nacional" — Publicações recebidas — Expediente — Publicações do Curso de Aperfeiçoamento — Regulamentos em vigor — Memorandum.

## PUBLICAÇÕES DO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

À venda na Papelaria Macedo

Rua da Quitanda 74

Rio de Janeiro

Instrução de Combate do Atirador, da fila  
e da esquadra:

1º fasciculo (2ª edição).....	1\$000
2º fasciculo (tiros de combate).....	1\$500
Serviço em Campanha (Vanguarda, postos avançados, serviço á noite) um vol.	1\$500
Themes tacticos de companhia, trad. do 1º Tenente Alcoforado, um volume.	2\$000
Guia para a instrução do batalhão de infantaria, trad. do 1º Tenente Alco- forado, um volume .....	2\$500
Líções de Historia Militar, pelo 1º Te- nente José Joaquim de Andrade, um volume .....	3\$000

«A Defesa Nacional» aceita encommendas,  
de pagamento adeantado Não esquecer o porte.

# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, POMPEU CAVALCANTI e PANTALEÃO PESSOA

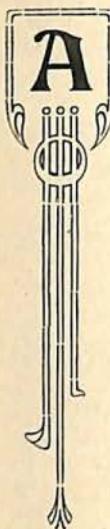
N.º 60

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1918

Anno V

## PARTE EDITORIAL

Culto aos regulamentos como base da educação militar e dictame da disciplina. Má vontade, vulgo inexequibilidade. Nada produzem o pedantismo e a chicana.



iniciativa é, sem dúvida, uma das qualidades mais necessárias ao soldado, mas — é dispensável proval-o — ella deve ser adequada e opportuna, isto é, exercida dentro de justos limites (R. E. I. 305.)

O amor que entre nós se nutre por essa qualidade é bem conhecido e não raro se o leva a exageros tão perniciosos como a sua ausência, o que é principalmente devido à notoria falta da moderadora responsabilidade efectiva, arbitra serena dos «justos limites».

Diariamente lemos e ouvimos as maiores condenações á disciplina passiva e, requintando nesse intento, chegamos a depreciar as providências e correctivos tendentes a desenvolver o hábito de cumprir exacta e silenciosamente as ordens legaes e as prescrições regulamentares.

A sombra de uma iniciativa assim interpretada brotará a indisciplina pedantesca que substitue «a obediencia pela pretenção de saber melhor.» (R. E. I. 334, fim do 2.º periodo.)

Esta modalidade da indisciplina é das mais perigosas, pela confusão que estabelece, pela dificuldade no constatar o seu flagrante e pelas suas consequencias, pois a repressão espera casos de maior evidencia e gravidade, as mais das vezes originarios de falsa convicção. A educação e o exemplo, em algumas das nossas casernas e institutos de ensino, conduzem áquela falsa interpretação da iniciativa.

Ao commando compete acção preventiva contra os seus efeitos, acção que só é valiosa quando acompanhada do exemplo. Os seus actos

e as suas opiniões fundamentam os actos e as opiniões dos subordinados, desenvolvem ou reprimem tendencias e, chefes estimados ou poderosos formam, não raro, escola das suas idéias, vencendo ás vezes para gaudio seu e para desgraça dos seus discípulos, dos seus sucessores e dos interesses confiados á sua guarda.

Tratando-se de um povo como o brasileiro, que da sua felicidade só aprendeu até hoje os liberalissimos princípios que circunscrevem os seus direitos, os actos emanados de qualquer autoridade, congresso ou presidente, general ou ministro, juiz ou prefeito, delegado ou guarda, são encarados com dúvida e repugnancia, desde que delles não transpareçam a razão legal, a equidade e a necessidade.

Actos ou leis visando transformações futuras, correção de tendencias, guerra á rotina perniciosa, formam, pela ignorância, correntes de opinião tão volumosas que acabam vencendo os próprios autores.

As leis que amparam ou favorecem individuos ou corporações fanatizam os interessados, mesmo quando incompletas ou quando lhes dêm só uma parte dos seus direitos; elas são bem conhecidas e rigorosamente exercitadas. As que formulam deveres só são lembradas pela fiscalização ou por interesse passageiro.

Dentro desta convicção as autoridades encaram com má fé todas as medidas que não tragam a nü o interesse que dominou os seus advogados e, si não o descobrem, apellam para a ambição de mando, a vaidade, etc.

Mas ninguém pode defender interesses nacionaes sem leis adequadas, porque, nesse caso, todos sentem que está perfeitamente inoculado no seu espírito o preceito constitucional de que a subordinação só é digna, dentro dos limites da lei.

Para os interesses pessoaes sim, desde que a lei não proiba.... tudo está bem e vai constituindo precedente para conquistas futuras.

Estas idéas precisam ser intelligentemente deslocadas para o seu lugar e convenientemente — patrioticamente — aproveitadas. E' muito digno,

é mesmo o ideal para que devemos tender, o domínio absoluto da lei, da lei que deve ser observada por todos, da lei que em si significa todos os princípios, da lei que faz a disciplina e transforma os povos.

Em matéria técnica militar a lei se expande, desde a detalhes, regula a execução de tudo que é essencial e que transforma um soldado ou uma unidade em uma porção determinada de energia, elemento fundamental para a previsão.

A lei se dissolve nos regulamentos militares, firmando as vantagens da uniformidade de ação e traçando sob o aspecto dos processos de execução e dos efeitos, o que de melhor se pode concluir para a época. Esses regulamentos evoluem, sempre sob razões fundadas e valiosas, nunca pela inconstância dos que os confeccionam ou executam. Elles têm a virtude de exprimir o limite mínimo da probidade daquelas a quem cumpre executá-las e fiscalizá-las e os limites razoáveis da educação uniforme da massa dos homens que devem ser enquadrados no momento da luta.

Por isso, enfeixando o regulamento o conjunto das regras e princípios próprios para que os homens, com o material de uma dada época, obtenham o máximo resultado em determinado sentido, elle deve ser estudado, seguido e fiscalizado à risca, sem a menor discrepância. Todas as suas prescrições são particulares da lei soberana, intangível na sua vigência.

Isto é bem conhecido mas pouco aplicado. Em grande parte, sem dúvida, porque se tem visto — o que é deveras lamentável — que os poderes competentes adoptam prescrições legais ou regulamentares sem o firme propósito de exigir toda a sua realização prática, sem a consciência de que reuniram todos os preceitos necessários para evitar a burla, sem a convicção de que uma lei ou regulamento só pode ser promulgado ou publicado depois que a meditação sobre o novo contingente de idéias tiver aconselhado a sua execução integral.

E qual será a consequência dessa frouxidão?

A tendência dos subordinados a esperarem para o cumprimento de uma lei ou ordem, um novo acto que lhes diga que aquela é mesmo para ser cumprida.

Como confiar nos efeitos de uma lei que, tem-se por certo, vai ser alterada ao sabor dos seus executores ou fiscalisadores? Onde está a sua sanção?

Não seria, entretanto, mais útil e mais produtivo que se aprimorasse a execução, observando os defeitos para pedir, licitamente, modificação às autoridades competentes?

Mesmo que se esteja em presença de más autoridades, não será mais perigoso permitir o

arbitrio, admitir vários pesos e medidas e consequentemente favorecer a indisciplina?

A desobediência a um preceito regulamentar não será tão grave como a desobediência a uma ordem qualquer?

Não terá o subordinado direito de, por sua vez, não executar qualquer prescrição fora dos regulamentos por considerá-la ilegal?

E os chefes que desrespeitam os regulamentos terão o direito de exigir que se cumpram à risca instruções que para orientar qualquer serviço elles entendam formular?

Os executores destas não poderão alegar em seu favor a mesma divergência que desviou os chefes?

Parece que, por todos os motivos, devemos estabelecer o culto pelos regulamentos, de serviços ou táticos, sem com isso absolutamente impedir que, fora da sua execução, cada um lute pelo aperfeiçoamento delles.

Assim lançaremos uma semente própria para todos os terrenos, um princípio de educação que se reflectirá em todas as camadas sociais, em todos os serviços.

Em summa, o culto aos regulamentos é a base da educação militar, é o fundamento da disciplina que significa o soldado transformando-o em elemento respeitável da defesa nacional.

O bello corpo de regulamentos que estão sendo adoptados reforça todas as considerações que possamos adduzir sobre o assumpto e pede a colaboração de todos os que têm fé, para que ajudem o seu exame e façam o seu julgamento — porém com a autoridade que só a sua fiel aplicação pôde dar — impedindo que lhe dê a culpa em cada unidade e cada unidade o castigue a seu modo.

\*

\* \*

Uma das pretensas razões que a incompetência ou má vontade, em geral inseparáveis, allega para não cumprir e desacreditar os regulamentos é a da «inexequibilidade». É uma desculpa commoda, realmente, mas tem o grave defeito de ser fragil, e que na melhor das hipóteses, tratando-se de executores cuja competência seja reconhecida, revela apenas uma deprimente má vontade, uma degeneração do espírito conservador em instinto de comodidade. E este aspecto é o que explica o alastramento fácil da «teoria da inexequibilidade»: com o seu exagero intrínseco, leviano e audaz, aplicado às mínimas imperfeições, de detalhes ou de futilidades, inevitáveis em obra humana, ella trabalha na sua obra: impedir a ordem e retardar o progresso.

Nada como alguns exemplos para ilustrar.

Si o regulamento da escola militar diz que o ensino da physica comprehende conhecimentos essenciaes de thermologia, electrologia e photologia, precedidos de noções de mecanica; que deve esse ensino ser dado em quatro mezes, e que se trata de ministrar *conhecimentos indispensaveis ás applicações de ordem profissional, intelligentemente escolhidos* e revelados em carácter *eminente experimental*; e si um professor, com liberdade injustificavel, desprezar o problema regulamentar para organizar outro, o de ministrar *noções theoricas de mecanica seguidas* unicamente de uma parte da thermologia, certamente não agiu forçado pela inexequibilidade: revelou a sua insubordinação ao espirito do regulamento, seja por culposa má vontade, seja por incompetencia para escolher a materia e enquadrar-a no tempo disponivel.

Si na mesma escola o professor de historia militar entender que o titulo da aula está errado e que o seu dever é ensinar, em quarenta lições, uma pessima e complicada historia geral do Brazil, onde nem ao menos o alumno ficará conhecendo a razão desse estudo para fins militares, deve-se considerar o regulamento *inexequivel?* Não: deve-se reconhecer que elle foi *inexecutado* por incompetencia ou má vontade e por falta de fiscalisação e de responsabilidade.

E, não sendo admissivel que o Conselho de Instrucción, o Inspector de Ensino e o Chefe do Estado-Maior tenham aprovado semelhantes programmas, insubmissos ao espirito e á letra do regulamento, deve-se concluir tambem que é *inexequivel* o art 8.<sup>o</sup> do R. E. M.?

Se na tropa, em vez da divisão dos instruidos em *turmas* onde o ensino seja ministrado por graduados, sargentos ou aspirantes sob a inspecção de um official, como racionalmente preceitúa o R. I. S. G. em seu art. 31, se emprega a obsoleta centralisação, a *instrucción em massa*, dada por um só instructor a todo o pessoal da mesma classe na companhia, esquadrão ou bateria, e se em consequencia d'isso o resultado colhido fôr insignificante, deve-se d'ahi concluir que o R. I. S. G. é *inexequivel?* Ou será que não se cumpriu intelligentemente e sinceramente nem este nem os outros regulamentos ligados ao caso?

O mesmo se verifica em muitas outras leis, decretos, regulamentos e avisos.

A simples adopção de medidas, sem interesse pela sua execução, pouco adianta; nem se justifica o desinteresse pela facilidade que se tem visto em serem taes actos seguidos de perto por outros que, a pretexto de esclarecer ou detalhar, os alteram mais ou menos profundamente e até revogam.

Precisamos tratar de cumprir sinceramente os regulamentos em todos os detalhes, por menores que se nos afigurem.

A sua hermetica foge dos moldes da bachelice incipiente: ella deve ser fundada na boa fé, na competencia e no patriotismo.

Só a applicação integral do estabelecido poderá apontar as correccões necessarias; ajuizar antecipadamente quando não se experimentou com plena deliberação de atingir o objectivo colocado, é um erro e um vicio prejudicial.

Precisamos admittir como factor constante na applicação de regulamentos, etc., que essa alta manifestação da autoridade corresponda a intuições e fins necessarios, para o que devemos aplicar uma hermeneutica adequada, impedindo que prosigamos na confusão de regulamentos com romances, leis com sonetos e lendas com decretos.

Si tivermos presente que nos regulamentos, decretos ou leis militares ha sempre **interesses nacionaes** e si admittirmos (*com certa benevolencia!*) que esses interesses merecem a mesma attenção que os direitos dos individuos que os executam, com certeza resolveremos **proteger a Nação.**

O progresso do Exercito será grande quando o pedantismo e a chicana forem varridos das escolas, dos quartéis e das administrações, para serem substituidos pelo trabalho confiante e modesto, e pela justa interpretação das leis, decretos e regulamentos; ahí desaparecerão a desconfiança, o desanimo, e a indifferença, sinão transparente má vontade; ahí estará fundada a mais segura e invejável disciplina.

## Os concursos na Escola Militar

e os programmas de ensino

A inscripção para os concursos de instructores e seus auxiliares na Escola Militar (commandantes e subalternos das unidades) teve um exito muito superior ao da inscripção para as quatro primeiras cadeiras de ensino theorico.

Em quanto para estas a inscripção quasi se limitou aos detentores actuaes das cadeiras, para os cargos de instructores se inscreveram muitos officiaes da tropa, dentre os quaes ha nomes que são uma garantia para o exito da instrucción prática, desde que não lhes falte o material indispensavel e o apoio ao esforço de que são capazes.

Está esboçada uma phase de progresso para a Escola Militar, tão estimada em outros tempos, reduzida em um grande periodo a um instituto que tinha por fim justificar descabidos privilegios de trabalho e remuneração para

quem tivesse um bom padrinho, tratada ás vezes com lastimavel indifferença pelo alto commando e, por ser a nossa unica escola militar, sempre tão digna de interesse, de fiscalisação rigorosa, de preferencia em todas as suas necessidades e do amor de todos os que desejarem uma perfeita organisação armada.

Estamos certos de que a nova phase em que entra o ensino militar se caracterisará por uma lucta digna pelos interesses da escola, pois não sendo mais necessário bater ás portas do Congresso para obter privilegios e dinheiro, os membros desse instituto de ensino não vacillarão em fazel-o para conseguir o material de ensino, uma installação compativel e até os profissionaes estrangeiros que se tornem indispensaveis para, ao lado dos professores, realizar o ensino theorico-pratico, coisa que ainda não se inau-grou.

Desejamos que o contingente de esforços levados á escola militar pelos novos docentes se manifeste não só atravez da precisão dos seus ensinamentos, mas tambem atravez de uma lucta sem tregos, paciente e energica, realizada atravez dos regulamentos dentro do meio militar e atravez do seu prestigio, da sua competencia e da sua constancia, em qualquer ponto d'onde possa vir a solução desejada.

Estaremos sempre na liça para realçar e lembrar o valor dos que luctarem para a consecução desse ideal que tão grandes resultados trará para o Exercito e teremos sempre abertas as nossas columnas para auxiliar mais essa cruzada que passará aos vindouros como um ensinamento, pois esperamos que ao estudal-a pasmem de admiração ante a persistencia dos que pedem um labor proveitoso e a resistencia daquelles que se deviam antecipar nas providencias e na punição dos que transgredissem esses *hoje* de-sejos.

\*  
\* \*

Ainda não conhecemos os programmas de que trata o artº 8º do R. E. M. n.º 70 e muito folgariam os si elles fossem impressos e facultados ao exame de todos os que se interessam pelos destinos da Escola Militar. Nelles estamos confiando, como unico meio para forçar a interpretação do regulamento actual que, escoimado de alguns erros e do *schematismus conservador*, está destinado a produzir um grande progresso na instrução militar.

Si esses programmas forem intelligentemente estabelecidos e melhor fiscalisados, veremos, dentro em pouco, que a apregoada inexequibilidade do regulamento actual ficará reduzida a meras difficuldades de installação e numero de alumnos, postas ao lado de algumas faltas materiaes e da modificación de inveterados habitos dos que já se consideravam proprietarios da Escola.

**Art. 7º dos Estatutos — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos.**

## Notas sobre a organisação militar

Inedito, do General Luiz Mendes de Moraes (\*)

A organisação militar de um paiz é uma necessidade imposta pela lei da propria conservação.

Apesar do alto grão de civilisação a que tem attingido as sociedades modernas; apesar do extraordinario progresso verificado no vasto dominio (em todas as manifestações) da sciencia e da arte — é facto que uma nação não encontra garantia para os seus direitos soberanos senão na força material de que pôde dispor.

Esta doutrina, consagrada aliás pelos proprios tratadistas de direito interna cional, e outros pensadores, foi synthetizada de um modo muito expressivo neste aphorismo de von der Goltz: «Só gosam de verdadeira segurança as nações constantemente preparadas para defender a sua independencia com a espada em punho». De onde decorre para um povo o dever imperioso de munir-se de *um instrumento* de legitima defesa capaz de fazer face, não só ás crises de carácter intestino, como principalmente ás situações oriundas de um desequilibrio nas relações internacionaes.

Este *instrumento* é obra pura e exclusivamente da organisação militar e symboliza-se no exercito de terra e mar, tornado em sua mais ampla accepção, isto é como a expressão de todas as forças. Ella elabora esse instrumento *sui generis*, adaptando-o ao objecto da sua missão e o apresta convenientemente, facultando-lhe os necessarios meios de acção.

Tal é portanto o papel assignalado que cabe á organisação militar no problema da defesa nacional; tal a sua utilidade immediata, traduzindo-se na formação de um exercito que, pelo conjunto dos seus caracteres, deve ser a representação fiel e genuina dos altos predicados da nação.

Por outro lado, attendendo que o exercito vasado neste molde constitúe um poderoso elemento de educação nacional!

*N. da R.* — Este trabalho foi escrito em 1906, precedendo um estudo critico sobre um projecto de organisação militar, elaborado por uma commissão de officiaes do exercito nomeada pelo ministro da guerra marechal Argollo. As considerações feitas pelo illustre extinto tornam-se hoje mais interessantes: admira como ainda estamos pouco avançados da situação que o autor lamenta!

pela influencia que exerce nas faculdades physicas e motaes do povo — retemperando as qualidades varonis, apurando as virtudes civicas e o sentimento de ordem e disciplina — resulta dessa circumstancia, nova e consideravel vantagem decorrente da organização militar. Por intermedio deste agente vivaz e communicativo, ella actua na constituição social, ao mesmo passo que, dando ao organismo militar um cunho verdadeiramente nacional e conservador, estende tambem a sua acção á propria esphera politica, assegurando por laços estreitos e indissoluvels a unidade da patria.

Ora, só a consideração destes atributos de tão elevado alcance politico-social basta de certo para recommendar altamente a organização militar e acredital-a como uma obra que interessa intimamente á constituição da nacionalidade, maxime quando se trata de paizes novos e ainda em periodo de formação, como o Brazil.

Mas, ainda não é tudo. Para completar o quadro, accrescente-se que uma boa organização militar é na realidade a pedra angular do estado de paz, por isso que implica necessariamente a preparação para a guerra...<sup>(1)</sup> Nos dominios do direito puro, qualquer apparelho constituído em pról da paz é precario e, segundo fundadas previsões, não terá jamais a necessaria efficacia para alcançar a consagração practica em todos os casos de litigio internacional. De sorte que, em ultima analyse, sempre se verifica que o famoso aphorismo — *Si vis pacem para bellum* — exprime um conceito de semipterna verdade e deve por esse motivo constituir o lemma dos povos avisados.

São muito respeitaveis sem duvida os generosos sentimentos que animam a humanidade nos seus tentames relativos á paz, que é incontestavelmente um estado de ineffavel felicidade para os povos; mas, apesar disso, e mesmo ante as tendencias manifestadas por varios Estados em prol de uma situação de cordialidade internacional, não se pode dissimular que a falta de sancção para as decisões fundadas no direito das gentes deixa transparecer a fragilidade de tales concepções e explica a inefficacia dos esforços nesse sentido em pregados.

(1) E' com razão, pois, que o notavel estadista americano, Sr. Th. Roosevelt, adverte que a paz só é uma deusa quando está de espada ao lado.

«Logo após a installação solemne do congresso de Haya, diz Gilbert, os appetites anglo-saxonios desencadearam-se com triumphante impudor, não se importando com o processo da arbitragem nem com o código elaborado paciente e dogmaticamente por este augusto Tribunal, o significaram desdenhosamente á Europa resignada — á Europa que tudo permitte aos poderosos e que ainda ha pouco se fez surda ás legítimas reivindicações da Grecia, aos clamores dos armenios agonizantes».

De onde se infere que «a guerra sul-africana, como pondera o autor, tendo ocorrido depois da guerra das Philippinas, constitue uma brutal e derradeira replica ás utopias de arbitramento e de paz universal».

E' verdade que, segundo demonstra a historia contemporanea, o estado de guerra já não é, como outr'ora, o estado normal da humanidade; mas a despeito da relativa diminuição observada na frequencia dos conflictos á mão armada, não é licito contestar que o numero de casos registados ainda é muito consideravel em relação ao gráo de adiantamento do espirito humano.

Basta dizer que, por um contraste de pungente ironia, o seculo XIX, justamente appellidado *o seculo das luzes*, graças ao progresso que o caracteriza — não se distingue menos pelas guerras que testemunhou. e d'entre essas as mais tremendas de que ha memoria. Assim, desde a epopeá napoleonica, que raiou sob o ceu da Italia em 1796 e teve o seu epilogo no theatro sinistro de Waterloo em 1815, o facho da guerra não deixou de abrazar o mundo, ateando de tempos a tempos fócos gigantescos, que produziram as conflagrações conhecidas na historia sob os nomes de — guerra da Criméa, da Italia, da Secesão, do Paraguay, da Bohemia, Franco-allemã, do Pacifico, Russo-turca, Hispano-americana e finalmente em 1900 a 1901 a lucta homérica do Transvaal, que estabelece um vínculo de sangue entre os dois seculos.

A aurora do seculo XX não parece sorrir ao successo das idéas generosas... Os presagios que denuncia nas tristes alternativas do seu alvorecer, ora empallidecendo como no Transvaal para allumiar como um cirio funerario o sacrificio de um povo de heróes amortalhado na bandeira da sua independencia, ora tingindo-

se de estranha purpura aos rubros clarões do formidável canhoneio da Mandchuria, tanto quanto nos recentes conflitos italo-turco e dos Balkans, são antes de natureza a entibiar as esperanças dos que sonham na paz universal...

Para contrastal-as, com efeito, falam bem alto — em que pese aos optimistas — não só os argumentos oppostos pelos factos em sua brutal eloquencia, mas tambem o accordo dos sabios cultores do direito internacional, cuja opinião, baseada na clarividente apreciação dos phenomenos sociaes, pode resumir-se nesta rigida sentença: «Seja como fôr, na phase actual de civilização a guerra é uma necessidade indeclinavel, porquanto ainda não ha possibilidade de substituir-a por outro processo que satisfaça as exigencias da razão». (2)

Assim, se a guerra é uma fatalidade inherente á condição das sociedades humanas, resulta que a preparação para a guerra é um dever que se impõe a todos os Estados; pois é de principio que nenhuma nação pode permanecer inerme, deixando os interesses da sua defesa ás vicissitudes da fortuna ou á mercê dos acontecimentos.

Por consequencia, os homens de Estado, que têm por dever supremo velar pela segurança e integridade da patria, são obrigados *ipso-facto* a organizar e manter a força necessaria para a satisfação desse magno *desideratum*, e faltarão irreparavelmente á fé do seu mandato se por sua imprevidencia ou incuria a nação se vir reduzida á impotencia no momento em que fôr chamada ás armas em defesa da sua soberania.

É seguramente ao influxo de taes idéas que em todos os tempos, e hoje mais do que nunca, este assumpto tem sido objecto de geral preocupação, merecendo justamente a solicitude dos homens publicos em todas as nações civilizadas.

Obedecendo ás suggestões do patriotismo, os Estados modernos se empenham cuidadosamente em regenerar as suas forças militares, procurando mantel-as sempre a par do progresso e ao nível da sua ardua missão.

Neste incessante labôr, elles aperfeiçoam e fortalecem o seu apparelho defensivo, provendo a força necessaria para

agir efficazmente no sentido da defesa e ao mesmo tempo para lhes assegurar a consideração e o prestigio na sociedade internacional — conscos de que, neste domínio, o valor de uma nação mede-se pela solidez do seu sistema militar.

Não se pôde, todavia, obscurecer que em alguns paizes dotados de forte organização militar se levantam frequentes clamores contra tal ordem de cousas, o que á primeira vista pôde dar logar á suposição de que semelhantes manifestações traduzem um ataque ao princípio propriamente. Entretanto assim não é, pois o conhecimento exacto do caso mostra que a reacção só se pronuncia contra o exagero na applicação do princípio — exagero de que resulta, como na Alemanha e na França, um poder militar formidável que, absorvendo grande parte dos recursos nacionaes, em homens e valores, exerce profunda perturbação na economia social.

Trata-se portanto ahí de um movimento de carácter restricto, visando uma justa attenuação do sistema, uma minoração dos onus enormes que opprimem os povos — sem affectar porém o princípio que na essencia permanece illeso, porque, sendo a expressão de uma necessidade ineluctável, é ao mesmo tempo fonte de fecundos resultados.

Entretanto, pesa-nos reconhecer que, máo grado o movimento geral de reconstrucção militar, o Brazil — constituindo uma excepção entre os paizes que tem assento no conselho das nações civilizadas — permanece indiferente e apathico, sem attender que o problema da organização militar é uma verdadeira questão nacional, que reclama instantemente uma solução condigna.

E' verdade que, de tempos em tempos, quando aqui ocorre um facto de carácter internacional que emociona a opinião, como entre outros o recente caso do Acre, os animos se agitam inquietos e impressionados pela fraqueza e deficiencia do nosso sistema militar, pronunciando-se com vehemente energia contra tal situação que, alem de expôr a serios riscos a defesa do territorio nacional, redunda em descredito para o paiz, empanando o seu prestigio perante os Estados estrangeiros.

Então, sob o accesso da nevrose, manifesta-se uma corrente forte no sentido da

(2) Conselheiro Lafayette R. Rereira — *Princípios de direito internacional*.

reforma radical do sistema... mas o phe-nomeno é por natureza ephemero: passados os estes da crise, tudo se esvae como um sonho, consoante a volubilidade do nosso temperamento... senão as nossas tenden-cias fatalistas.

Depois,... enquanto não vem novo so-bresalto, as cousas continuam no seu an-dar penoso e dolente, caminho da deca-dencia...

Em remate, devemos advertir que não é o nosso intuito fomentar o militarismo ou coisa que se lhe assemelhe... Nem mesmo acreditamos que alguém o preten-da sinceramente.

O militarismo é um caso teratologico; é o consorcio impuro do sistema militar com o politico, abastardados pela degenerescencia: é o consorcio de duas aber-rações... Esse funesto connubio tem por effeito transformar o exercito em mero instrumento politico, incapaz da sua no-bre missão, e tendente antes a ser o al-goç de sua nação do que a força destina-da á sua defesa.

Conhecemos de perto esse monstro pelas suas manifestações nos povos latinos do Continente Americano, e acabamos de tes-temunhar os seus maleficios na Grecia e na Turquia, que se sentiu na impotencia e a ponto de ser esphacelada pelo estran-geiro.

Pode-se aliás afirmar que o espirito de casta, que desse connubio se origina, não encontraria terreno para medrar em um paiz como o nosso sem tradições oligar-chicas e onde é tão intenso e vivaz o sen-timento democratico. Seja como fôr porem, é força convir que em qualquer hypothese e ainda mesmo no dominio theorico, o espectro deste monstro é de natureza a provocar o clamor publico numa condemnaçao unisona.

Portanto, se preconisamos a organiza-ção militar é pelo facto de reconhecermos que, sobre ser uma necessidade indeclinavel, ella concretiza, conforme aponta-mos, um conjunto de beneficos para a nacionalidade brasileira. E como taes be-neficos só podem ser reaes no caso de um exercito verdadeiramente nacional, moldado pela concepção moderna, que funda o poder militar na massa geral da nação, excluindo *ipso-facto* todo o vislum-bre de espirito de casta, basta a enuncia-ção deste pensamento para deixar paten-tes os sentimentos que nos inspiram.

## Lei de mobilisaçao

Projecto Dorval Porto

Nenhum dos projectos sobre coisas mi-litares apresentados este anno no Con-gresso sobreleva, ou mesmo eguala, em importancia ao do Sr. deputado Dorval Porto, sobre a mobilisaçao.

O representante do Amazonas pode orgulhar-se de estar se batendo por um pro-bлемa que, só por si, é motivo para bene-merencia, por ir ao encontro das necessi-dades da defesa nacional.

Não me dirijo aos camaradas do exer-cito, nem mesmo aos que acabam de sahir da Escola Militar, todos conheedores do valor e da urgencia na solução desta magna questão: dirijo-me aos homens pu-blicos a cujas mãos está entregue o pro-jecto e de cujo patriotismo depende a aprovação delle.

— A mobilisaçao é a operaçao pela qual se passa, subitamente, do effectivo de paz ao de guerra, o que se obtém pela incor-poração de reservistas, isto é, de homens que tenham recebido instrucção militar.

Todo o trabalho para a preparação de re-servistas, todo o sacrificio para obtenção da nação armada, resultarão em pura perda se não dispuzermos de meios que permit-tam essa incorporação.

Os reservistas são feitos tendo em vista a mobilisaçao e nunca por uma simples questão de moda. Mas para mobilisar methodica e rapidamente, necessario se torna a existencia de um regulamento, onde tudo esteja esclarecido.

As autoridades militares podem elaborar os melhores regulamentos e elles perma-necerão letra morta si não se basearem em lei: porque não é possivel ao Estado Maior crear obrigações para funcionários publicos civis, cujo concurso seja indis-pensavel á mobilisaçao.

Dahi a urgente necessidade de ser trans-formado em lei o projecto de que me occupo, para que não sejamos apanha-dos sem recursos, 53 annos após os ensinamentos do Paraguay, si só quizermos exemplo de casa.

A mobilisaçao precisa ser muito bem regulamentada, de modo que tudo esteja previsto em seus menores detalhes. E' sobre o regulamento que podemos estabe-lecer o plano a ser executado, suavemente,

no momento opportuno, sem choques, sem perda de energias.

A França, em 70, tinha reservistas e possuia regulamento de mobilização; mas só a deficiencia deste deu origem ao quadro sombrio que os escriptores militares apresentam ás nossas vistos. Os reservistas andaram de um lado para outro em busca dos depositos e de suas unidades; as garres se entulhavam de homens, que a desordem tornara indisciplinados, a pedirem esmolas; e, 22 dias após a convocação, no momento em que começaram as operaçōes, os corpos só dispunham de metade dos efectivos calculados.

Ora se um regulamento máo leva a semelhante situação, imagine-se o que não sucederá quando se quizer inventar serviços á ultima hora.

Vejamos agora, como se passariam as coisas entre nós se fossemos levados a uma guerra e dispuzessemos de uma lei de mobilização.

Os reservistas, entregues a seus labores, espalham-se por todo o paiz, desde as capitais aos mais longinquos sertões.

Quem lhes dará conhecimento da passagem do pé de paz ao de guerra; quem os reunirá, alojando-os, mantendo-os, e quem lhes fornecerá os meios de transporte para designados pontos?

Apparece ahi a primeira autoridade, que vive em contacto com os reservistas, que os tem relacionados, que sabe onde elles residem e que possue instruções sobre a conducta a seguir no caso de guerra: o *presidente da junta de alistamento e mobilização*, que é o chefe do executivo de cada município (distrito).

Reunidos os reservistas no tempo calculado, denunciando os que se tenham furtado ao dever, o *presidente* da junta de alistamento os encaminha para as capitais dos Estados. Ahi o *chefe do serviço de recrutamento e mobilização* os recebe, fornece os meios de subsistencia e alcjamento, distribue os reservistas pelas unidades existentes ou os dirige para a Região que os distribue pelas armas, pelos serviços ou pelos depositos.

Dar-se-ia, como procurei mostrar, um movimento regular da periferia para o centro, isto é, dos districtos ao Exercito, na maior ordem.

Os municipios devem constituir filetes d'agua que, reunindo-se na *circunscrição*, formam a torrente, engrossada na Região, para se transformar na caudal

immensa, que é o Exercito Permanente, augmentado de effectivo e accrescido de novos serviços.

Ora o projecto Dóral Porto permite isto e de modo feliz, porque aproveita o trabalho já feito para o serviço de alistamento, ao qual junta a incumbencia da mobilização. São as mesmas regiões, as mesmas circunscrições, os mesmos districtos.

Foi, rationalmente, evitado o estabelecimento de uma outra burocracia e, conseguintemente, de outra despesa.

Aliás, o serviço de alistamento já tem parte das atribuições, porque arrola os reservistas de 3.<sup>a</sup> categoria, constituídos pelos individuos na idade do sorteio.

Si é uma verdade a La Palisse que a guerra pode surgir de um dia para outro, que não podemos saber até que dia gozaremos das delicias da paz, se é verdade que pode nos apparecer um adversario, pouco disposto a esperar que nos apparelhemos, despertando-nos pela aggressão, é crime não nos previnirmos para evitar que a patria seja maculada pelo pé de um invasor.

E, para conservarmos com dignidade o que os nossos antepassados nos legaram, cumpre aos homens publicos dotar o Exercito das leis de que elle precisa para sua efficiencia.

1º Tenente J. de Godoy.

*N. da R.* — Reforçando as considerações do autor poderíamos lembrar todas as dificuldades que tem surgido na execução do sorteio onde, communmente as autoridades civis mostram-se indiferentes ás atribuições que lhes foram designadas, apesar de existir lei que as prescreva e puna os relapsos.

Até a presente data ainda se estão apresentando sorteados do anno corrente que não tiveram quem os avisasse da sua chamada e muito menos quem indicasse os meios de attender á lei.

Imaginem o que se daria si a lei não prescrevesse o auxilio das autoridades civis?

Para julgar das dificuldades e da complicação de taes problemas entre nós, basta lembrar que, até hoje, não sé consegue a população da Capital Federal!!!

Si não promulgarem uma lei que previna minuciosamente todas as necessidades da mobilização, seu regulamento e todos os estudos sobre ella baseados, podem ser recolhidos ao museu. Mas, descansem os leitores, teremos a lei, mais exigente do que a apresentada, votada ás presas .... depois da porta arrombada.

E' da nossa indole ... e os conservadores (?) ainda são muitos.

— Os extravios causados por falta de comunicação opportuna das mudanças de endereço correm por conta do assignante.

## A doutrina de guerra e o Estado Maior

Os pequenos progressos que d'uns tempos para cá temos feito no exercito e na marinha revestem-se infelizmente de um caracter dispersivo. Pode-se dizer que muitas forças actualmente exercitam-se a favor da causa militar mas de um modo inharmonico, sem obedecerem a um mesmo plano — o que era, de todo ponto, indispensavel.

De facto, todos os trabalhos, todas as iniciativas, todos os regulamentos deviam subordinar-se a um mesmo pensamento director — fructo das soluções a que tivemos chegado de nosso problema militar.

Os objectivos finaes da guerra são mais ou menos identicos em todos os paizes; os meios, porem, de que se lança mão para attingil-os, bem como a conducta a adoptar-se variam muito de um estado para outro, deste para aquele theatro de operações.

Por consequencia cada paiz tem o dever de estudar maduramente o seu caso, resolver o seu problema e estabelecer seu plano de guerra consoante a situação geral em que se acha.

Em outras palavras, cada estado carece de estabelecer solidamente sua doutrina de guerra, dentro da qual deverão ser resolvidas todas as questões a ella referentes, desde a organisação até seus objectivos finaes.

Quaes são as forças que nós teremos de combater? Quaes são as aggressões mais provaveis e imminentes? Qual o territorio em que a luta se desenvolverá? Quaes os recursos bellicos que teremos provavelmente de enfrentar? Qual o pensamento politico, estrategico e tactico dominante entre nossos provaveis inimigos?

Estudadas maduramente, aprofundadas essas questões é que resulta em definitivo o plano que devemos seguir, sem delle nos afastarmos uma linha, firmando no seio de todo o Exercito de terra e mar os principios basicos de nossa organisação e conducta da guerra.

A situação politica dos estados, sua posição geographica em relação aos seus vizinhos, os recursos de suas industrias, as tendencias de seu commercio, as questões politicas a resolver, o aspecto geral de sua topographia, sua população, seu espirito combativo, o de seus concorrentes commerciaes ou politicos, suas depen-

dencias internacionaes, são factores decisivos na elaboração dos orgãos militares de ataque ou defesa, bem como na determinação de seus objectivos geraes.

Se analysarmos a situação em que foram colhidas as diferentes nações da Europa pela guerra que estalou em 1914, não nos será difficil verificar, pelos resultados posteriores, que nem todas ellas tinham chegado á verdadeira solução de seu problema militar. Na previsão de seus estadistas e de seus generaes não tinham sido contempladas todas as hypotheses essenciaes como base de sua preparação offensiva ou defensiva. D'ahi as crueis surpresas que tiveram de soffrer e os esforços inauditos a que foram arrastadas, já no curso das operações — resultado fatal do impatriotismo, talvez descaso, justamente daquelles que são responsaveis pela segurança e progresso dos povos que dirigem.

Não temos necessidade de desenvolver e detalhar o que fica dito; aprendámos, porem, n'essas duras e amargas lições alheias afim de que, ao chegar-nos tambem a hora dos grandes sacrificios em favor da Patria, não sejamos arrastados a perigos e desgraças ainda maiores.

Dizemos perigos ainda maiores por isso que não podemos nos comparar com a Inglaterra, França e outros paizes da velha Europa, nos quaes os recursos industriaes de todo genero de que dispõem, ainda permittio que, dentro de um lapso relativamente curto, fossem improvisados certos elementos bellicos de que careciam para fazer frente a uma situação de angustia e desespero.

Nós não estamos, como é sabido, nessas condições; de sorte que com mais forte razão devemos nos precaver e preparar para não sermos afinal reduzidos a uma fatal humilhação em situações congeneres ás em que se viram envolvidas as nações jogadas no duello da Conflagração.

Essa tarefa que nos occupa compete, quasi exclusivamente, ao estado maior de terra e de mar, assistido, como é logico, pela inspiração politica de nossos estadistas. O problema militar é, em toda parte, uma das soluções do problema politico ao qual se deve, portanto, subordinar. D'ahi se infere que nós temos necessidade de estudar preliminarmente nossa politica de guerra, ligando os ideaes do paiz com os meios e recursos de sua defesa. Só depois de liquidada «em todos os seus



aspectos» essa questão é que nos será dado estabelecer o problema militar — cuja solução determinará o feitio organico de nossas forças de terra e mar e seus objectivos. Dentro destes objectivos e tendo em vista sua consecução é que devemos instituir as directrizes geraes de nossa conducta de guerra, organisando nosso programma militar e firmando a doutrina que mais nos convém. E tudo o que se tiver de fazer, no exercito ou na marinha, desde a organisação até a preparação, desde a instrucção até a conducta da guerra: idéas, principios, instruções, regulamentos, recursos bellicos, meios de accão, administração; deve subordinar-se a um tal programma, certo, homogeneo, indiscutivel.

Isso equivale a uma verdadeira colaboração de todos, a uma convergencia de esforços para um mesmo fim, á formação de um unico pensamento entre todos os elementos directores e de commando de nossas forças no continente ou no mar.

Tal harmonia, porém, só pode ser obtida pela acção de nosso estado maior. A elle é que compete a consecução desse magno objectivo — sem o qual tudo o que se fizer se resentirá no geral de uma prejudicial discrepancia, apezar da bôa vontade e dos esforços parciaes em contrario. O estado-maior de um exercito deve ter crystallinamente assente sua doutrina de guerra e todos os seus trabalhos devem ser enquadrados dentro d'ella, harmonicos e obedientes ao mesmo pensamento dominante. Todos sabemos que seus trabalhos são variadissimos e complexos e, por isso mesmo de difficilima coordenação, sujeitos como devem ser a um paradigma organico definido. Mas é indispensavel que assim seja para que elle possa desempenhar-se das graves responsabilidades que lhe pesam.

E não pára ahí a premente necessidade dessa harmonia de esforços e de pensamentos: essa é a doutrina indispensavel á organisação e preparação para a guerra; mas na propria conducta desta os mesmos principios dominam, de sorte que, desde o commando em chefe das forças em operações, atravez de todos os commandos inferiores e seus respectivos estados maiores, até o mais simples elemento de força estejam todos subordinados á mesma theoria, obedecendo á mesma concepção geral.

Von Bernhardi diz em sua excellente

obra «A guerra de hoje»: «O commando em chefe tem o direito de exigir que seus subordinados venham sempre ao encontro de seus desejos e se penetrem, sem reservas, do espirito de suas intenções e que não mantenham uma obediencia apenas formal. De outro lado, porem, *elle tem o dever incontestavel de agir, de modo que suas intenções sejam bem comprehendidas não só na paz como na guerra*»... «E' somente nestas condições que elle pode esperar attingir os fins grandiosos que tem em vista».

Para a consecução deste segundo objectivo — a harmonia de esforços na guerra — são indispensaveis alem da formação da doutrina de guerra no ponto de vista organico, a praticagem e os exercícios methodicos do futuro estado maior de campanha bem como de seus commandos — o que, em parte, pode e deve ser obtido nas manobras annuas de dupla accão, nas quaes devem ser constituídos com esse pensamento, procurando desses exercícios haurir o maximo proveito possivel em questões resolvidas praticamente e depois commentados minuciosamente á luz da doutrina de guerra nacional.

1º Tte. de Art. *Sylvio Scheleter*.

## RECONHECIMENTOS

(Conclusão)

### N. Reconhecimento contra o inimigo

Para este serviço é preciso que o official de estado-maior não tema um encontro com inimigo, mas tambem não o procure sem necessidade; elle só é expedido «para vêr». Seu ferimento ou a inutilisação de sua montada pôde fazer aprisional-o, portanto falhar sua missão. Demais a participação na luta distrae a atenção e impede a observação calma. Entretanto em certas circunstancias um combate rapido, o rompimento dos postos avançados inimigos, constituirá o unico meio de desempenhar a missão. Então, é galopar decididamente para a frente, afim de obter as desejadas vistas. Conseguido isso não ha que demorar mais nada, confiar na rapidez do cavallo e buscar o abrigo das tropas amigas.

Para isso convem em taes expedições servir-se de seu cavallo mais seguro. Os estafetas que acompanharem tambem devem ser bem montados. Attendendo ao perigo pessoal que se corre em taes occasões é necessário não levar nada que em caso de captura possa esclarecer o inimigo sobre as condições em que se acham as proprias tropas. Não se poderá dispensar uma carta e um caderno de notas de algibeira: em nenhum delles deverá haver qualquer nota que vá alem do objecto do reconhecimento a fazer.

Quem portanto tiver o habito de lançar diaria-

mente na carta as posições das tropas e de copiar no seu canhenho um resumo das ordens, precisará em tal expedição levar outra carta e outro canhenho.

No reconhecimento de uma posição inimiga trata-se em geral de descobrir os meios e caminhos mais convenientes para vencê-la. Em uma posição bem escolhida raramente o ataque frontal dará o desejo resultado. O reconhecimento levará essa consideração inicial e dirigirá suas vistas primeiramente para a ala cujo ataque a situação estratégica indique. Se a missão de reconhecimento for limitada a uma parte da posição, é preciso levar em conta a conducta provável das tropas lançadas sobre as partes vizinhas.

Isso é tanto mais necessário, quanto a primeira questão na execução do ataque será o avanço coberto e a instalação coberta da artilharia que ha de iniciar o ataque. Si se é apenas uma parte do todo, ser-se-á muitas vezes constrangido pelas tropas que avançam collateralmente.

Para evitar complicações é então necessária a troca de idéias entre os officiaes que procedem ao reconhecimento das partes convisinhas da posição inimiga.

Os resultados de um reconhecimento executado antes do inicio do combate são em geral precários, pois só se verá o terreno fronteiro por um lado, e das tropas inimigas certamente pouco. Por isso o que faltar deverá ser completado mediante viva observação durante o combate. Em combates de grande envergadura serão designados officiaes para se incumbirem especialmente dessa observação.

#### O. Reconhecimento de fortalezas inimigas.

O reconhecimento pelo oficial de estado maior visa principalmente o cércio. Quanto ao assalto, ou ao ataque à viva força ou ao assédio é necessária a cooperação de officiaes de engenharia. Tratando-se apenas de um bombardeio prevalecerá o ponto de vista artilherístico.

No cércio a primeira questão é fixar a linha em que se queira resistir às grandes sortidas tendentes a rompê-lo. Immediatamente se ordenará o estabelecimento de fortificações e se iniciará sua execução. Attendendo a que a guarnição da fortaleza pôde, partindo do centro do círculo descarregar a sua superioridade contra uma parte do cércio, tem grande importância a conveniente instalação das reservas bem como a ligação segura entre as diversas unidades das forças de primeira linha.

Isso é muito mais difícil quando a fortaleza se acha à margem de um grande rio que divide parte as tropas do cércio. Haverá então que construir pontes e protegê-las por fortificações.

Em seguida tratar-se-á da collocação dos postos avançados. Para que o cércio seja completo elles precisam ser cuidadosamente dispostos, e habilitados a resistir às pequenas sortidas, mediante fortificações e contê-las grandes sortidas pelo menos o tempo bastante para o grosso ficar pronto.

Na guerra de campanha convém para esse fim que fiquem a grande distância do inimigo e do grosso. Na guerra de sitio esse recurso fica mais ou menos excluído, porque com o aumento da distância a linha do cércio aumentaria de extensão, a ponto de poder tornar-se excessiva para as tropas disponíveis.

Se as tropas não bastam ha que limitar-se á

observação, que não cortará a fortaleza para o exterior mas inutilizará a sua acção desde que as forças não estejam em exagerada desproporção para a guarnição, da qual aliás só uma parte poderá agir além do mais proximo arredor.

A direcção em que pelas circunstâncias se fará provavelmente sentir a acção da guarnição, decidirá então sobre o ponto em que ficarão as forças principaes do corpo de observação. Ali se recommendam mui especialmente as posições de flanco, em razão da grande sensibilidade da linha de retirada da força que sahirá da fortaleza. A observação propriamente caberá á cavallaria, que se manterá afastada das obras de fortificação e que em geral ha de ser numericamente muito superior á da guarnição.

Attendendo a estes pontos de vista far-se-á o reconhecimento do terreno ao redor da fortaleza e das posições inimigas.

As notícias que se tiverem colhido a respeito do efectivo e natureza da guarnição, estado da dotação de artilharia, provisões de toda especie serão frequentemente muito incertas. Não obstante, de par com a consideração das forças de que dispõe o atacante, ellas decidem sobre a resolução de ficar apenas em observação ou de iniciar logo o cércio. Havendo ao mesmo tempo a intenção de iniciar sem demora o bombardeio e um assédio regular, então caberá ao reconhecimento a efectuar com a cooperação da artilharia a pé e da engenharia, encaminhar o cércio de tal modo que as medidas ulteriores fiquem bem preparadas. O official de estado-maior deverá ali não esquecer que nem o bombardeio nem o assédio, não podem dispensar o mais energico apoio pelas tropas a pé.

Precisam de especial exame as condições que para a artilharia pesada decorrem da escolha da frente de ataque.

No assalto de surpreza e no ataque a viva força o principal é que um serviço desidioso da praça e a facilidade de assalto ás obras prometam bom exito. Em seguida ha que examinar muito exactamente os caminhos de approximação para que se possam distribuir precisamente as missões. Qualquer incerteza ou obscuridade da ordem, causada por um deficiente reconhecimento, acarreta um malogro. O official de estado-maior e os officiaes de artilharia a pé e de engenharia que o auxiliam como consultores technicos são solidariamente responsaveis por que a empreza não fracasse por algum obice imprevisto que elles não tenham indicado a tempo. Se o seu reconhecimento não deixar obter certeza nesse sentido, é seu dever não aconselhar a tentativa da empreza.

#### P. Reconhecimento de vias ferreas

##### 1. Pontos de vista e dados geraes

###### a) O trecho

1. *A linha.* Sua bitola. Reconhecer se a via é simples ou dupla, ou em que sitios o é.

2. *As subidas.* Menor que 1:100 basta uma machina; entre 1:60 e 1:100 é necessário reforço na tracção ou impulsão (machina empurrando pela cauda, sem estar ligada); acima de 1:60 é preciso fraccionar o trem.

3. *As descidas.* Entre 1:100 e 1:60 é necessário moderar a velocidade; acima de 1:60, fraccionar o trem.

Alternativa frequente de subidas e descidas dificulta o tráfego.

4. *As curvas*; medidas pelo raio. Raio menor que 300 m. exige diminuição da velocidade.

A frequencia de fortes curvas e, ainda mais, a mudança brusca de sentido das curvas difficultam o trafego. Na falta de dados exactos sobre os pontos 2, 3 e 4 basta na paz a observação do comprimento ordinario dos trens carregados em lugares visivelmente difficeis.

5. *Distancias de estações*; de onde resulta o intervallo minimo de trens. Em linhas simples só se consideram as estações apropriadas ao cruzamento de dois trens militares, isto é, que tenham um desvio de 500 m. de comprimento utilizable. Para linhas duplas decidem nessa questão as estações telegraphicas de aviso. Tambem se consideram as estações de bloco (em que se fecha a linha para segurança do trafego, pelo afastamento dos trens um do outro).

6. *Capacidade de carga* da superstructura e do leito. Trilhos e dormentes; se estes são de ferro e longitudinaes, ou de madeira e transversaes. Na falta de detalhes basta observar o carregamento habitual dos trens.

7. *Secção livre* em tunneis, viaductos. Menor secção de passagem e maior secção de carga.

#### b) As estações.

1. *As linhas*. Pelo menos são necessarias duas linhas principaes; sua extensão utilizable e a de linhas auxiliares. Ligação entre as principaes e as auxiliares. Desvios. Giradouros para locomotivas e tenders; médios, para locomotivas, menores, para carros. Estações terminaes. Cruzamentos de linhas. Plataformas moveis, em cõrtes ou de nível. Intervallo de linhas, de eixo a eixo: (3m,5 a 4).

2. *Embarque e desembarque*. Caes entrelinhas e lateraes. Sua altura acima do chão dos carros e dos degráos; rampas de carga pelo lado ou de topo; sua extensão. Nivel e accessibilidade das linhas principaes. Plataformas moveis dos armazens de carga. Possibilidade de installação de rampas provisorias. Guindastes fixos, moveis, sua potencia. Accessibilidade dos lugares de carregar, para chegada e sahida. Espaço para tropas e viaturas.

3. *Armazens*. Lugares de carregar e descarregar, afastados dos de embarque e desembarque de tropas (deposito de generos). Proximidade de edificios adaptaveis a esse fim, facilidade dessa adaptação e de chegada e sahida.

4. *Estações de alimentação*. Linhas livres para trens militares completos, fóra das vias principaes, com a largura livre de 8 a 12 m no ponto de parada; além desse espaço um outro de 80 a 160 m por 80 m para depositos, co-sinha, poço, latrinas.

5. *Estações de aguada*. Lugar proprio para parada; agua potavel; se necessário transportada para ahí. Latrinas.

#### c) Apparelhamento de trafego.

1. *Estações de agua*. Quantos metros cubicos podem fornecer em 24 horas; escôamento por minuto,  $1m^3$ . Uma locomotiva de trem militar tem a capacidade de  $10m^3$ , em média, e consome  $1m^3$  por hora.

#### 2. *Caes de carvão*. Provisão regular.

#### 3. *Galpão para locomotivas*. Capacidade.

4. *Officinas para concertos de carros e máquinas*.

6. *Serviço telegraphicico e semaphorico*. Telegrapho das estações e das linhas. Telephone electrico de estação a estação. Sinos para aviso dos

guarda-linhas. Signal optico na entrada da estação. Dito em plena linha. Avisos do trem (apito, etc.).

#### d) Material de trafego.

1. *Parque de locomotivas*. Porcentagem das machinas em concerto. Locomotivas de manobra e de tender, locomotivas para o serviço da estação e reserva, machinas para reforço da tracção.

2. *Parque de carros*. Porcentagem dos que se acham em concerto. Carros de 1<sup>a</sup> e de 2<sup>a</sup> classe, e de 3<sup>a</sup>; carros de carga; numero de lugares por eixo; carros de carga cobertos, adaptaveis para cavallos.

Pranchas de bordas altas (1m,50 e mais); ditos de bordas baixas e podendo ser retiradas de lado ou de topo. Comprimento dellas distinguindo as de 5 m e mais, 6 m e mais, 7 m e mais. Situação relativa das rodas, proporção de carros de freio, em cada especie de carros.

#### e) Administração.

Autoridade superior de inspecção: autoridade directora; subdirectores e sua esphera de attribuições. Séde das autoridades. Directoria do trafego. Inspectoría de obras.

#### f) Funcionarios.

1. nas estações: chefe, assistentes, telegraphistas, guarda-chaves, manobreiros;

2. na linha: mestres de linha, guarda-linhas, guarda-cancellas;

3. nas machinas: machinista, foguista, guarda de machinas paradas;

4. nos trens: chefe de trem, conferente das cargas, conductores, guarda-freios.

#### g) Divisão da estrada.

1. Trechos de machinas.

2. Estações de baldeação, onde muda a administração.

3. Estações de muda, onde são substituidos os funcionários do trem.

#### h) Organisação do serviço.

Duração habitual do serviço e folga. Serviço diurno e nocturno, com postos dobrados ou auxiliares ou sem isso. Serviço de dia e de noite. Regulamento interno do serviço. Trafego habitual. Trafego aumentado.

#### i) Pontes e tunneis.

Estas grandes obras darte do trecho precisam de menção especial. Falta de previsão no trafego futuramente mais intenso, ao lado de razões de economia, fez que em muitos casos essas obras fossem construidas apenas para via simples.

A duplicação ulterior da linha acarretou depois grandes difficultades nesses pontos. Modernamente se procede de outro modo; embora em linha simples, prevendo um trafego maior no futuro, constroem-se essas obras desde logo para duas linhas.

As condições especiaes das pontes e dos tunneis (\*) além da sua significação para o trafego real, tambem influem sob um outro ponto de vista essencial, a saber quanto tempo a sua destruição proposital durante as operações de guerra inutilizará o trecho. Naturalmente nesse ponto é preciso o parecer de funcionários de obras da estrada ou de officiaes da construção de linhas ferreas expeditas. Taes pessoas, peritas, deverão pois em caso de necessidade tomar

(\*) Aqui tambem se deve pensar nas pontes de barcos para linha ferrea, e nos ferri-boats, isto é, barcos que transpõem partes de trens de uma a outra margem de um rio, etc. E' preciso obter dados sobre a duração e capacidade de tal trajecto, e quaes os riscos de paralysação a que está sujeito.

parte no reconhecimento de um trecho de linha, dando um relatório especial do que constarem.

### 2. Reconhecimento de estradas de ferro a utilizar

Raramente na guerra as informações sobre uma estrada de ferro a utilizar estarão bastantes com o reconhecimento sobre seu estado actual. É imprescindível ainda cogitar dos meios para melhoramentos, aumento e alongamento de sua capacidade de tráfego e das fontes de aquisição para os respectivos recursos.

Trilhos, chaves, locomotivas com tenders, carros, água, carvão, funcionários de estação, machinistas são elementos imprescindíveis para manter um tráfego regular.

Já vimos como influiem sobre a capacidade de rendimento o apparelhamento do trecho, o da estação, o stock de veículos, o número de funcionários, a utilização da ligação telegraphica.

Deve-se sempre contar com a falta de uma ou mais condições fundamentais quando se vai utilizar um trecho que esteve exposto ao inimigo ou ao seu serviço. O problema, de então restabelecer o tráfego, depende das autoridades ferroviárias militares e das tropas. O oficial de estado maior da primeira tropa que ocupar ou transpuzer um trecho nessas condições prestará às tropas e ao todo um excelente serviço em verificar quais os obstáculos mais importantes e recursos ao alcance para removê-los, e o participar à autoridade superior. Talvez também seja possível e conveniente proceder imediatamente à vigilância militar sobre apparelhos essenciais e recursos ainda existentes.

As pesquisas especiais que devem preceder ao restabelecimento ou ampliação do tráfego competem a officiaes técnicos e funcionários. Mas um oficial de estado-maior chamado a colaborar com a alta autoridade militar, representando altos pontos de vista militares, deve não olvidar nunca que a reabertura do tráfego embora restrito, é preferível a uma preparação mais demorada para obter um maior rendimento desde o inicio. A ampliação do tráfego pôde ficar para medidas ulteriores; p. ex. não se deve deixar de construir uma variante que permita fazer trafegar dentro de 6 a 8 dias, trens de 10 a 20 eixos com a velocidade de 4 km á hora, porque se conte poder desobstruir um túnel dentro de 20 ou 30 dias.

Dada a extraordinária importância da ligação ferrea a mais longa possível atraç do exercito que avança, a bem de seu reabastecimento e evacuação de toda sorte, a linha ferrea a mais expedita mesmo será utilissima, e deve-se optar decididamente pela saída mais rápida, em detrimento das regras normaes da conveniencia técnica e da perfeição.

### 3. Reconhecimento da linha ferrea a inutilizar

A destruição de linhas ferreas para obstruir o tráfego é arma de dois gumes. Mesmo uma linha que ainda esteja servindo ao inimigo ou uma que se deva abandonar-lhe, não deve ser destruída seriamente, desde que haja probabilidade de utilizá-la de novo, dentro em breve.

Em regra tratar-se-á pois de perturbar por meio de interrupção, e só por ordem especial de altos commandos se procederá a uma destruição de um trecho por largo tempo.

Qualquer espécie de tropa poderá receber uma

missão de interromper linha ferrea; as destruições em regra só serão atribuídas á engenharia ou tropas ferroviárias; em tal caso caberá aos respectivos officiaes o detalhe do exame e das respectivas propostas.

Para as interrupções é necessário destruir o material de tráfego e a superestrutura. Destruição ou retirada das rodas, etc., inutiliza provisoriamente o material rolando; nas locomotivas basta tirar as valvulas e o apparelho de direcção. O arrebentamento dos cilindros das máquinas, ou a destruição dos carros e tenders, tudo por explosivo, destrói totalmente esse material.

A superestrutura se destrói em plena linha nas curvas, de preferencia no trilho exterior, nas estações nos desvios. Conforme o grau de destruição desejada applica-se o processo em diversos trilhos consecutivos e em varios lugares. Basta em plena linha tirar a fixação dos trilhos e as ligações de um lado. Nas estações são mais efficazes os arrebentamentos, sobretudo a dynamite, melhor que empregando alavancas, marretas, etc. Os regimentos de cavalaria são providos de todo o necessário para tais interrupções (\*).

A destruição exigirá em geral o arrebentamento de obras d'arte difíceis e importantes. Onde não as houver a destruição mesmo radical do apparelhamento das estações (desvios, giradores para locomotivas, depósitos de água, poços), bem como levantar e entortar, afastar ou queimar, os trilhos, os dormentes, numa extensão grande e em diversos pontos, tudo isso não causará sinão uma interrupção do tráfego, relativamente curta, embora o diminua por maior tempo. A destruição de edifícios da estação pouco importa como perturbação do tráfego; mais importante é o afastamento ou a destruição do apparelhamento telegraphico.

As destruições a explosivo (\*), decisivas nos altos aterros, nas pontes e viaductos, entradas de tunéis ou paredes de córtes fundos, muros de arrimo acima ou abaixo do leito da linha devem ser baseadas em um cuidadoso exame das massas e sua resistência, afim de ser guardado um meio termo entre o *demais* e o *demenos*: o explosivo no interior de um túnel em serra massiva pouco produz, ao passo que em terra molle o seu efeito é considerável, podendo dar lugar a uma obstrução que só em anos poderá ser removida.

Desejando-se uma cessação do tráfego o mais possível duradoura a escolha da parte da linha a destruir não depende só do tempo para sua reconstrução, mas também do tempo em que talvez se possa construir uma variante da parte destruída.

E' um ponto a resolver pelo oficial em reconhecimento, appellando para o seu auxiliar técnico; muitas vezes terá então que preferir uma parte mais facil de reconstruir mas mais difícil de evitar pela construção duma variante.

Procede-se segundo pontos de vista semelhantes no reconhecimento de linhas de bitola estreita ou linhas industriais. Se bem que tais linhas não possuam a importância das de bitola normal, podem contudo como auxiliares destas ou pelas condições locaes alcançar certa significação.

São Gabriel, 16. 10. 16.

Klinger.

(\*) Vide A Defesa Nacional, ns. 26, 30, 31 e 32.

## Commando de tropa em gabinete

2º problema traduzido de um livro de v. Altrock por E. de Lima e Silva, capitão de artilharia.

Carta geral de Metz e terrenos adjacentes, 1:1000.000, que acompanha a tradução brasileira de Griepenkert. São do tradutor as notas e as advertências entre parentheses.

**Conduita de uma divisão de cavalaria no flanco de um exército em situação de combate de favorável**

Metz cidade aberta. Tropas vermelhas foram atacadas a 12.8 na linha *Fresne en Saulnoy*—*Delme*—*Moncheux*—*Buchy* por tropas azuis vindas de leste. No flanco esquerdo dos vermelhos está a 5ª Div. Inf. sustentando uma luta difícil. Sua artilharia, em posição nas cotas 299, 297 e 290 situadas entre *Solgne* e *Vigny*, sofreu fortes perdas, assim como a infantaria, que foi repelida até a linha cota 281 ao sul de *Solgne*—*Cheval Blanc*—encosta norte da altura 291 (este de *Buchy*).

A 2ª Div. Cav. vermelha tinha feito sua artilharia tomar posição na collina a sudoeste de *Chérisey* e pelo seu fogo havia detido o flanco direito dos atiradores inimigos em *Silly en Saulnoy*—*Maison Blanche*.

O commandante da 2ª Div. Cav. ordenara ás brigadas que atravessassem a campina existente entre *Chérisey* e *Goin* e se postassem junto a esta ultima localidade prontas para uma carga contra o flanco direito inimigo. Em cumprimento desta ordem a 3ª Brig. Cav. seguirá pela estrada *Verny*—*Louvigny* e ás 14 horas sua testa attingirá a encruzilhada que se vê a oeste de *Goin*. A sua retaguarda estava a 4ª Brig. Cav.

A 5ª Brig. Cav., com o grupo de metralhadoras, atravessando a faixa de campo pela estrada *Chérisey*—*Goin* ficou desenfiada na baixada, em ambos os lados do caminho que vai de *Chérisey* a *Vigny* passando pela cota 256.

A secção de engenharia está em *Chérisey*, a c. 1. m. no caminho que conduz de *Verny* a *Goin*, cauda em *Verny*; os trens de estacionamento e os de combate, assim como os meios técnicos de comunicação acham-se na estrada *Sillegny*—*Arry*, cauda em *Sillegny*.

Ás 14 horas o commandante da 2ª Div. Cav., que estava junto á artilharia, recebe as seguintes participações:

I. *Courcelles*, 12.8. 13 horas

A região do *Französische Nied* (rio Nied francês) compreendida entre *Sanry*, *Kurzel* e *Ars Laquenexy* está livre de inimigo.

Por escrito, intermedio estafeta. X. 2º ten. do 3. R. Ulan.

II. *Pouilly*, 12.8. 13<sup>30</sup>

Acaba de passar em *Magny*, na direcção de *Pouilly*, a ponta de infantaria da divisão de infantaria inimiga que está sendo observada em sua marcha de *Antilly*, via *St. Julien*—*Queuleu*, e cuja presença já foi participada á Divisão ás 11<sup>30</sup>.

Por escrito, intermedio estafeta. (A referida participação de 11.30 não chegou ao comando da divisão.) Y. 2º ten. 3. R. Drag.

Ao mesmo tempo participa um ajudante de ordens da 5ª Div. Inf.: «O III. Corpo de Exer-

cito (commandante está em St. Jure) bate em retirada e quer transpor o *Seille* a oeste de *Cheminot*. A 5ª Div. Inf. vai empregar suas ultimas reservas (um reg. de inf.) e procurar manter suas posições no intuito de tornar exequível a retirada da 6ª Div. Inf. que está mais ao sul em luta pesada. Poderão decorrer ainda duas horas antes que comece a retirada da 5ª Div. Inf. Venho solicitar urgente apoio da 2ª Div. Cav.»

### Composição da 2ª Divisão de Cavalaria

Trez brigadas de cav., cada uma de dois regimentos a quatro esquadões; uma secção de engenharia, um grupo de artilharia a cavalo (duas baterias), um grupo de metralhadoras (trez secções de duas peças), duas estações radiotelegraphicais, uma columna ligeira de munições, uma secção de signaleiros de campanha.

\* \*

### Resolução do commandante da 2ª Divisão de Cavalaria ás 14<sup>00</sup>

A 2ª Div. Cav. não carrega contra o flanco direito inimigo e vai com todas as suas forças deter o adversario que avança para *Pouilly*, via *Magny*, até que fique garantida uma segura retirada do III. Corpo de Exercito.

#### Ordens (para combate a pé)

2. Div. Cav. Collina sudoeste *Chérisey*, 12.8.14<sup>00</sup>

I — A's 3., 4. e 5. Br. Cav., ao Grupo de Metr. e à Sec. de Eng.

1. As brigadas com o grupo de metralhadoras retirem para o outro lado da campina e façam alto desenfiadas na baixada, frente para o norte:

a) 5.ª Br. Cav. com o grupo de metralhadoras no caminho *Goin*—*Chérisey*;

b) 3.ª e 4.ª Br. Cav. a leste da estrada *Louvigny*—*Verny*.

2. Os commandantes de brigada, do grupo de metralhadoras e da secção de engenharia que se me apresentem já.

Verbalmente, mediante ajuda-te de ordens, a: 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> Br. Cav. G Metr. e See. Eng.

A. General.

II — Ao Grupo a Cavallo/2 R. A. C. (1)

1. Uma divisão de infantaria inimiga está em marcha de *St. Julien* para *Pouilly*, via *Magny*. Sua ponta de infantaria pode agora ter atingido *Pouilly*.

2. A nossa divisão vai deter o avanço da columna inimiga contra o flanco esquerdo do nosso exercito.

3. Suspenda o fogo contra *Silly en Saulnoys* e procure canhonear a columna de marcha e o desenvolvimento do novo adversario. Deveis ordenar já um reconhecimento da cota 237 a noroeste de *Verny* para nova posição da artilharia.

4. Depois de dadas as ordens vou para a collina a oeste de *Pournoy*.

Verbalmente ao Grupo de Artilharia.

A. General.

(1) Alguns regimentos da artilharia de campanha allemã compõem-se de um grupo a cavalo e outro montado.

III — A's 3., 4. e 5. Br. Cav., ao Grupo de Art. a Cavallo e ao de Metralhadoras, à Sec. de Engenharia.

1. Uma divisão de infantaria inimiga avança de St. Jullien para Pouilly, via Magny; sua ponta de infantaria pôde agora ter atingido Pouilly.

2. Nossa divisão vai mediante combate a fogo impedir o avanço do novo inimigo contra o flanco esquerdo do nosso exército.

3. Designação dos sectores de combate:

a) 5.<sup>a</sup> Br. Cav. a linha de alturas e o trecho de bosque ao norte de Pournoy; reserva na retaguarda do flanco direito. Exploração por Mécleuves, Chesny, Peltre, Hospital-Wald.

b) 4.<sup>a</sup> Br. Cav. a linha de alturas em ambos os lados e o capão de matto a oeste da estrada Verny—Pouilly, 1600 m ao norte de Verny. Exploração dentro do Hospital Wald e até Peltre-Marly.

As posições devem ser fortificadas tanto quanto possível.

c) 3.<sup>a</sup> Br. Cav., reserva a cavallo, fica na baixada a leste de Verny. Ela verifique se o inimigo ameaça a oeste do Seille e mande para lá um esquadrão afim de fazer os serviços de exploração e de segurança do flanco. Observe o inimigo de Silly en Saulnois.

4. A Sec. de Eng. faça a marcação do vau a leste de Coin a. d. Seille e reconheça se o Seille pode ser atravessado entre Coin a. d. Seille e Sillegny.

5. O Gr. de Metr. fica a minha disposição a leste do castello Verny.

6. A' 5.<sup>a</sup> e á 4.<sup>a</sup> Br. Cav. serão apresentados 2 carros de munição de infantaria para cada uma.

7. Eu vou para a collina a oeste de Pournoy.

Verbalmente a: 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> Br. Cav., Gr. de Metr. e Sec. de Eng. Por escrito, intermedio ajudante de ordens, ao Gr. a Cav./2 R. A. C.

A. General.

#### IV — A' Col. Lig. Munições.

1. Columna inimiga avança de St. Jullien, via Magny, para Pouilly.

2. A divisão vai deter este adversário, com a 5.<sup>a</sup> Br. Cav. ao norte de Pournoy e a 4.<sup>a</sup> ao norte de Verny.

3. Mande apresentar 2 carros de munição de infantaria a cada uma destas brigadas.

4. Eu vou para a collina a oeste de Pournoy.

Verbalmente, intermedio ajudante de ordens.

A. General.

#### V — Ao cdte. dos trens de estacionamento.

1. A divisão vai deter ao norte de Pournoy—Verny um adversário que avança de St. Jullien, via Magny, para Pouilly.

2. Os trens de estacionamento, trens de combate e meios técnicos de comunicação retiram sob vosso comando até oeste da ponte sobre o Mosel junto a Novéant; lá uma radio-estação deve estabelecer-se para receber.

3. Todos os homens em condições de combater que aí se acham no serviço de protecção

devem ser mandados já para a collina a leste do castello Verny, sob as ordens de um commandante único que alli se me apresentará.

Por escrito, intermedio ciclista.

A. General.

#### VI — Ao ajudante de ordens da 5.<sup>a</sup> Div. Inf.

O Sr. está informado da mudança de situação produzida pelo avanço de uma divisão de infantaria inimiga de St. Jullien para Pouilly, via Magny. Participe á 5.<sup>a</sup> Div. Inf. que eu, em combate a pé, vou defender as alturas ao norte de Pournoy-Verny até o ultimo homem, se tanto fôr preciso.

Verbalmente ao ajudante de ordens.

A. General.

VII — Um ajudante de ordens da 2.<sup>a</sup> Div. Cav. parte em automovel a informar o comando do III. Corpo de Exercito sobre a mudança de situação e intenções da 2.<sup>a</sup> Div. Cav.

VIII — Ao chefe do serviço de saúde da divisão indica-se que deve formar o escalão sanitário<sup>(2)</sup> e tomar outras medidas adequadas ao serviço e ao caso.

• •

#### Discussão

Tendo conhecimento da situação desfavorável da 5.<sup>a</sup> Div. Inf., o cdte. da 2.<sup>a</sup> Div. Cav. havia disposto sua tropa para facilitar a retirada da infantaria amiga, mediante um ataque sem considerações (Vide «O Combate», trad. do 1.<sup>o</sup> tenente Klinger, pag. 90, art. 518), quando pela aproximação do novo inimigo sua propria situação fica completamente modificada.

A execução da projectada carga não é mais possível agora. Não pôde ser deferido o pedido de apoio feito pela 5.<sup>a</sup> Div. Inf. e que lhe era tão necessário, porque esta divisão estava obrigada a manter sua posição durante duas horas mais. Ela tem que contar só consigo mesma, na esperança de poder realizar sua missão com auxilio de sua ultima reserva, forte de um rengimento de infantaria completo.

Uma tarefa mais importante incumbe neste caso á 2.<sup>a</sup> Div. Cav. Pelo avanço inimigo contra Pouilly—Verny não é só a 5.<sup>a</sup> Div. Inf. que corre perigo, mas todo o flanco esquerdo do exercito vermelho. Se o inimigo conseguisse avançar sem entraves na direcção sul, passando por Pouilly—Verny, a retirada das tropas vermelhas se transformaria em uma completa derrota.

Por isto a 2.<sup>a</sup> Div. Cav. deve fazer frente a este novo inimigo e deter sua marcha. Uma carga não promete nenhum sucesso; por conseguinte só resta o combate a fogo. E, como posição, só lhe importa o terreno ao norte de Pournoy e Verny que, aliás, apresenta varios defeitos. O mais notável entre elles é a floresta (Hospital Wald) que alli fica bem defronte de

(2) Cada reg. da div. tem um carro san. de cav. a uma parelha e a divisão tem nos trens de estacionamento um a tres parelhas. Quando a divisão tem de entrar em combate estes carros san. com dous terços do pessoal de saúde, formam o escalão sanitário sob a chefia do medico mais graduado, que estabelece os postos de socorro.

flanco direito, escapando ao domínio da vista e causando um grande incommodo, pois que pôde facilitar a approximação do inimigo. Mas não ha tempo a perder. A divisão tem que se contentar com esta posição que, todavia, offerece uma boa collocação para a artilharia e conta no flanco esquerdo com soffrivel segurança constituida pelo apoio do *Seille*.

Ao principio empregam-se apenas duas brigadas, designado um sector a cada uma (R. E. I. brazileiro 438); os chefes dos sectores procedem á subdivisão e fazem fortificá-los como fôr possível (V. «O Combate», pag. 81, art. 482). A brigada do flanco direito deve conservar uma forte reserva na sua direita, á retaguarda, para poder obviar um movimento envolvente do inimigo através do *Hospital Wald* (V. «O Combate» pag. 81, art. 483). A 3.<sup>a</sup> Br. Cav. mantém-se á retaguarda, como reserva a cavalo (V. mesma ob. e mesma pag., art. 485). O commandante, depois que tiver percebido a direcção do ataque principal inimigo, ha de leval-a, á maneira dos boers, para o ponto mais favorável do terreno e então empregá-la onde fôr possível, no flanqueamento do ataque adversario. No serviço de exploração que lhe incumbe, esta brigada tem de observar especialmente a margem oeste do *Seille*, onde não é impossível um avanço do inimigo; alem disto deve manter sob suas vistas o adversario que se acha em *Silly en Saulnois*.

A sec. de engenharia vai reconhecer passagens no *Seille* entre *Coin a. d. Seille* e *Sillegny*, causa importante para a ulterior retirada da divisão.

A artilharia fica prompta na posição para poder tomar sob seus fogos o novo adversario ao primeiro apparecimento (V. mesma ob. e mesma pag., art. 481).

Afim de que as tropas estejam providas de bastante munição para a lucta, que provavelmente será porfiada, as duas brigadas que vão apesar para o combate a fogo recebem 2 carros de munição cada uma.

Os trens de estacionamento, os de combate e os meios technicos de comunicação foram enviados para mais longe, direcção oeste, afim de que a propria divisão em caso de necessidade possa mais tarde utilizar a estrada *Sillegny-Arry*.

Ninguem deve faltar ao combate; por isso o pessoal de protecção aos trens de estacionamento, etc., que agora se torna alli dispensável, reunido e junto ao grupo de metr. fica prompto, como reserva, a leste do castello *Verny*.

A missão da divisão é difficil e não se pode antever o desfecho da lucta. Não se deve excluir a hypothese de um feliz desenlace — sem dâmnio essencial da 2. Div. Cav. — se o inimigo deixar-se arrastar a um desdobramento, que exige muito tempo, ao qual talvez possa seduzil-o o desejo de utilizar o *Hospital Wald* para uma approximação coberta, porem lenta. Desde que, em vez disso, o adversario ataque imediatamente com fortes effectivos, empregando sua artilharia seis vezes superior, pôde tornar-se muito séria a situação da 2.<sup>a</sup> Div. Cav.

Então, para evitar a completa destruição das tropas amigas, ella fica na obrigação absoluta de sacrificar seu ultimo homem. E ella saberá morrer, se fôr necessário, com a inabalável convicção de que, mesmo que lhe não caiba o successo, as honras do dia lhe ficarão.

## Instrucção de Combate

(Notas do Curso de Aperfeiçoamento)

(Continuação)

### 2 — Instrucção individual

a) *Exercícios formaes* que se realizam sem levar em conta o terreno e o fim do combate.

1 — Carregar; travar e descarregar em todas as posições do corpo, quer em marcha quer em movimentos acelerados, utilizando as cartucheiras dos dois lados.

2 — Graduar a alça e modificar a graduacão em todas as posições do corpo.

3 — Apontar em todas as posições do corpo, com diferentes alças, para objectivos diversos; ajoelhar e levantar para atirar, partindo da posição deitado.

4 — Ajoelhar; deitar; ajoelhar; levantar para o lance, levantar levando a arma ao hombro e bem assim suspendendo a arma; abrigar completamente.

5 — Marcha (suspendendo o fuzil pelo centro de gravidade ou conduzindo-o debaixo do braço); alto; ajoelhar; deitar; em posição; marche-marche, cruzando bayoneta e gritando *avança! avança!*

6 — Alongar e encurtar bandoleira; colocar e retirar sobre-mira; armar e desarmar bayoneta; desequipar e equipar de novo, em todas as posições do corpo; retirar a munição da mochila e do boral.

7 — Execução das ordens de fogo em todas as posições do corpo, bem como contra inimigo (alvo ou homem) surgindo um oitavo á direita (esquerda).

8 — Fogo á vontade; aumento e diminuição da velocidade do fogo; cessar fogo; carregar de novo; continuar o fogo; salva.

9 — Por lance, em posição e reabertura do fogo.

10 — Rastejar; andar e correr agachado.

b) *Exercícios com aproveitamento do terreno e representação do inimigo.*

1 — Familiarizar o homem com os accidentes e formas do terreno e mostrar-lhes sua importancia militar como abrigos, contra a vista e contra o tiro; mostrar-lhes os obstaculos e os apoios para o fuzil, e a sua influencia sobre o movimento; campo de tiro e efficacia do fogo (do fogo proprio e do fogo inimigo), p. ex.: estilhaços, ricochetes; aumento e diminuição da zona rasada etc.

Denominação dos accidentes, de acordo com a sua significação (por ex.: igreja, castello, fazenda, arrozal, etc.) e segundo seu aspecto exterior (p. ex.: a casa com o torreão, a arvore verde clara, a arvore com a copa branca, a arvore vermelha, o campo amarelo, etc.).

Denominação das estradas segundo sua categoria; das pontes; dos campos, dos prados e das florestas, segundo a sua natureza, etc.

Exercicio de descrição do terreno; instrução sobre os pontos cardeaes e orientação no terreno com auxilio do sol, da lua, das estrelas, do relogio, da bussola e da carta.

2 — Apparecimento de diversos objectivos fixos, moveis e abrigados, a diferentes distancias. Como objectivos, empregar:

a) homem isolado, de pé, de joelhos, deitado, avançando, recuando, deslocando-se lateralmente, correndo, rastejando, andando e correndo agachado, fazendo um lance e parando, visivel e dissimuladamente;

b) esquadra em ordem unida em todas as situações referidas em a);

c) esquadra em ordem aberta, com diferentes intervallos, em todas as situações referidas em a);

d) os mesmos objectivos citados, mas abrigados até os joelhos, os quadris, o peito e a cabeça;

e) objectivos, nas situações referidas em a), aparecendo em fundos diversos;

f) objectivos, nas situações referidas em a), mas, em diferentes terrenos, p. ex.: claro e escuro, e em condições diversas de luz;

g) objectivos, nas situações referidas em a), mas variando os uniformes (tunica azul, tunica kaki, capote, de capacete, de bonet, de chapéu, etc.); demonstração da influencia do estado atmosferico sobre a visibilidade dos objectivos;

h) execução de um ataque e de uma defesa por uma esquadra e explicações sobre o desenvolvimento de ambas as espécies de combate.

3 — Exercicios para descobrir e distinguir os objectivos indicados em 2 a, d, e, f, e g.

Denominação desses objectivos, e sua designação nas vozes de commando, com o emprego de objectivos auxiliares; aviso do seu apparecimento; apreciação da distancia a que se acham, em todas as posições de tiro, com aproveitamento do terreno e emprego da alça correspondente á distancia; instruir o homem sobre a dispersão dos projectis ás distancias consideradas e sua influencia relativamente á probabilidade de atingir os objectivos; escolha da posição de tiro, da alça, do ponto de visada e da velocidade do fogo.

4 — Exercicios para desenvolvimento da capacidade visual e educação da vista, taes como: contar: janellas, cãixilhos de janellas, moirões e varas de cercas, tijolos, arvores nas margens das estradas; ler inscrições distantes; contar homens que constituem uma tropa distante; reconhecimento dos distintivos e peças de equipamento dos mesmos etc.

5 — Mostrar e explicar o apparelho de materialização da trajectoria.

6 — Aproveitamento do terreno, das suas culturas e vegetações, durante o estacionamento e o combate, como abrigo e apoio da arma.

7 — Aproveitamento do terreno durante o movimento: andando, correndo, rastejando e andando agachado. (Retirar dissimuladamente e abrigado).

8 — Transposição de obstáculos de toda a especie (fossos, valas, ladeiras, cercas, muros, campos cultivados, mattos espessos) etc.

9 — Emprego da pá para limpar o campo de tiro, para construir e melhorar abrigos, (dar noções sobre perfil e a espessura desses abrigos), para preparar um apoio para a arma.

a) fóra da acção do fogo;

b) durante o combate.

10 — Encher de terra um sacco portatil ( $0^m,40 \times 0^m,20$ ) e empregal-o como abrigo e apoio para a arma; rastejar jogando previamente para a frente o sacco para servir de abrigo.

11 — Conducta no ataque, na defesa e na retirada, oppondo um adversario que tambem se conduza como na guerra, com aproveitamento do terreno; variação na velocidade de fogo, na escolha da alça e do ponto de visada.

12 — Desenvolvimento da aptidão do homem para aproveitamento do terreno; conducta individual; emprego da arma; escolha do objectivo, mediante estabelecimento de situações de combate muito simples.

13 — Tiros de preparação, (com e sem direcção de fogo).

14 — Escolha da alça e do ponto de visada fóra do objectivo quando se atira contra objectivos moveis, e quando se tem de levar em conta o efecto do vento.

15 — Observação da efficacia do fogo e dos pontos de quédia.

16 — Exercícios de 2, 3, 4, e 5 tiros, com pontaria rigorosa, num minuto.

Embora em todos esses exercícios só se tenha em vista o homem como atirador isolado, isso não impede que o instructor faça com que varios homens simultaneamente executem o mesmo exercicio afim de que todos tenham frequentemente oportunidade de praticar. Os homens que não estiverem executando e assistirem a instrucção dos outros, devem ser constantemente interrogados sobre o que estão vendo fazer, afim de obrigar-los á uma cooperação mental.

### 3 — Instrucção da fila e da esquadra

A diferença que existe na conducta do atirador quando faz parte da fila, é que aqui elle tem de levar em consideração o seu camarada e trabalhar de acordo com elle.

Na conducta da fila e da esquadra, ao contrario, não existe diferença alguma.



Quer se trate de uma ou de outra é preciso (alem do instrutor que inspecciona) que haja um commandante, para dar ordens e os comandos de acordo com a situação de combate.

Embora, uma vez completamente terminada a instrucção individual, devam-se fazer exercícios da fila antes de passar aos da esquadra, elles podem ser tratados conjunctamente, pois a matéria e os princípios são os mesmos.

Paralela e conjunctamente com a instrucção da esquadra, faz-se a dos commandantes de esquadra.

A fila é mais facil de vigiar que a esquadra, por isso a sua instrucção é vantajosissima como complemento da instrucção individual.

#### a) Exercícios formaes.

1 — Os exercícios da instrucção individual mencionados em a), sob os numeros 1, 2, 3, 4 e 6.

2 — Estender avançando e sem avançar, partindo da posição de pé (com arma descançada e de hombro-arma), de joelhos e deitado, com intervallo normal (2 passos) e com intervallos maiores:

a) conservando a frente primitiva;

b) em direcção a um ponto situado obliquamente em relação á frente primitiva.

3 — Estender, estando a fila ou a esquadra em marcha, como sob o numero 2.

4 — Estender do modo indicado nos numeros 1, 2 e 3, mas em marche-marche.

5 — Augmento e diminuição dos intervallos a pé firme e durante a marcha.

7 — Marcha obliqua, marcha retrograda e marcha de flanco.

8 — Mudança de frente, por conversão á voz de comando e mediante a indicação de um ponto de direcção de marcha:

a) a pé firme, a passo, rastejando e em marche-marche (para a frente e para a retaguarda);

b) em movimento (durante a marcha) a passo e marche-marche.

9 — Combate pelo fogo como na instrucção individual a), 7 e 8, e mais ainda empregando duas alças e modificando as alças.

10 — Salva.

11 — Cerrar estando em posição e durante a marcha, quando ocorram mortes e ferimentos.

12 — Formação e conducta dos reforços, em varias fileiras, á retaguarda da linha de fogo, quando não se fizer a exclusão dos mortos e feridos.

13 — Remuniciamento:

a) retirando a munição das mochilas, borbaes e cartucheiras dos vizinhos (supostos fóra de combate);

b) recebendo a munição retirada dos feridos;

c) com auxilio de homens que vêm da retaguarda.

14 — Transmissão de ordens, avisos, perguntas e informações, sem interromper o fogo.

15 — Unir a pé firme e em marcha, para a frente e para a retaguarda, com a frente primitiva e com mudança desta.

16 — Em linha aos seus logares, unido e depois de unir.

17 — *Trabalhar por signaes.*

18 — b) *Exercícios no terreno e com o inimigo.*

1 — Exercícios indicados na instrucção individual em b) 6, 8, 9, 10, 11 e 14.

2 — Exercícios de repartição do fogo, modificando o numero de alvos que constituem o objectivo, deslocamento lateral do ponto de visada e repartição do fogo sobre uma frente no prolongamento do objectivo, no caso de vento lateral e de deslocamento lateral do objectivo; combate pelo fogo contra artilharia e cavalaria; exercícios de velocidade de fogo.

3 — Observação do inimigo durante o combate pelo fogo e depois de este ter cessado o fogo, comunicando em voz alta o resultado da observação e da apreciação da distancia.

4 — Bater pelo fogo uma faixa do terreno, apontando com a alça determinada em relação a certos objectos deste, perto dos quais se presume achar o inimigo e empregando o binocolo: atirar numa direcção dada pelo sentimento.

5 — Aproveitamento do terreno durante o movimento, caminhando, correndo, rastejando, caminhando e correndo agachado, (retirar-se á cobaia e dissimuladamente).

Este aproveitamento do terreno pode ser feito homem a homem, ou por toda a esquadra, sob a protecção do fogo dos que ficam na primitiva posição ou dos que já atingiram a nova.

6 — Estabelecer situações de combate muito simples para desenvolver o senso tactico dos soldados e dos commandantes de esquadra e bem assim sua aptidão para o aproveitamento do terreno, emprego da arma, escolha do objectivo, etc.

7 — Tiro de esquadra.

8 — Observação da efficacia dos projectis e dos pontos de queda.

c) *Instrucção dos commandantes de esquadra.*

Esta instrucção é dada, parte em preleções, parte em exercícios praticos dos commandantes de esquadra, com ou sem sua esquadra e abrange os seguintes pontos:

1 — Commando da esquadra á voz, por ordens e por signaes, nos desenvolvimentos durante o movimento, nos altos, na ocupação das posições e na execução dos lances.

2 — Julgamento e aproveitamento do terreno durante o movimento.

3 — Escolha da posição de fogo aproveitamento do terreno na mesma e sua preparação

4—Reforçamento do terreno durante o fogo e antes da abertura do fogo.

5—Direcção do fogo, principalmente ordens de fogo; escolha do objectivo; alça; ponto de visada; velocidade do fogo de acordo com a natureza do objectivo e as alterações que este sofrer, levando em conta o terreno e as influências atmosféricas.

6—Exercícios para verificação da pontaria, para indicação do objectivo, para verificação da repartição do fogo e para fiscalizar o modo dos homens utilizarem o fuzil.

7—Distribuir a munição e reparti-la equitativamente.

8—Fiscalização da transmissão de ordens de homem a homem.

9—Apreciar e fazer apreciar as distâncias; ensinar o emprego do binóculo para reconhecimento do objectivo e observação do efeito dos projectos e bem assim instruir seus homens sobre o modo de preparar o binóculo e utilal-o

10—Tomar parte no fogo.

#### 4 — Instrução do pelotão

##### a) Exercícios formaes.

1—Desenvolvimento do pelotão em linha, como na instrução da esquadra em a) 2, 3 e 4, tomando por base a esquadra da ala direita da 2.<sup>a</sup> secção ou outra esquadra qualquer.

2—Desenvolvimento do pelotão em columna de esquadras, de acordo como o que se disse na instrução da esquadra em a) 2, 3 e 4, com as esquadras na ordem da primitiva formatura ou invertidas. Este desenvolvimento pode-se fazer para um lado (direito ou esquerdo) ou então as esquadras da secção da festa desenvolvem-se para a direita e as secções da cauda para a esquerda (pelos flancos).

3—Estender uma secção para prolongar uma outra já desenvolvida, sem avançar, ou depois de se a ter collocado atraç da sua frente de desenvolvimento.

4—Estender uma ou mais esquadras para prolongar uma esquadra já desenvolvida.

5—Estender uma secção para intercalá-la noutra já desenvolvida e nova distribuição das esquadras e secções.

6—Estender sucessivamente as esquadras do pelotão e intercallal-as numa esquadra já desenvolvida e nova divisão das esquadras; intercallação das esquadras nos claros que ficarem entre as esquadras já desenvolvidas, depois de se mandar que elas cerrem para o lado dos seus commandantes.

7—Execução dos exercícios mencionados na instrução individual em a) 1, 2, 3, 4 e 6, e na instrução da esquadra em a) 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16 e 17.

8—Marcha, etc., como na instrução individual a) 5 e 10; marcha obliqua, retrograda e de flanco, neste ultimo caso com mudança da esquadra base.

9—Remuniciamento como na instrução da esquadra a) 13, e bem assim intercalando uma secção abundantemente provida de cartuchos (ou uma esquadra).

10—Transmissão de ordens, avisos, perguntas e comunicações sob a fiscalisaçāo dos commandantes de esquadras, os quais accusam o seu recebimento e transmissão, mesmo nos casos em que as esquadras estejam escalonadas, ou separadas por grandes intervallos.

11—Lances por esquadras, por secções e por pelotão; ocupação da posição e prosseguimento do fogo.

##### b) Exercícios no terreno e com inimigo.

1—Os exercícios da instrução individual mencionadas em b) 6, 7, 8, 9, 10 e 11.

2—Exercícios de repartição de fogo: idem de limitar a frente do objectivo, mediante indicação de dois objectos situados nos extremos do objectivo ou de um objecto do qual as extremidades distem, respectivamente,  $n$  e  $n_1$  metros; exercitar os commandantes de esquadra em fazer a repartição do fogo indicando a pontaria em direcção de cada atirador; verificar a repartição do fogo dos commandantes de esquadra e dos atiradores, examinando a linha de visada de cada fuzil collocado sobre a mochila, sobre um monte de terra ou qualquer outro apoio; estes exercícios também devem ser feitos:

a) aumentando ou diminuindo, condensando e dispersando o objectivo e a tropa que atira;

b) deslocando lateralmente o ponto de visada e repartindo o fogo sobre uma frente no prolongamento do objectivo, no caso em que se leva em conta o vento lateral e o movimento do objectivo;

c) cruzando o fogo por ordem do commandante do pelotão, quando este assim decidir por iniciativa própria, ou depois dos commandantes de esquadra terem comunicado quais as partes do objectivo que elles podem bater pelo fogo e quais as que elles não podem ver.

3—Os exercícios mencionados na instrução da esquadra em b) 3, 4 e 5.

4—Mudança de objectivo para todo o pelotão e para parte deste; variação na velocidade de fogo; exercícios de execução de um certo número de tiros num minuto.

5—Intercallação de esquadras e secções, durante o combate pelo fogo (comunicando aos reforços o objectivo e alça e, eventualmente, repetindo os commandos de fogo, bem como modificando a repartição do fogo).

6—Atirar com varias alças; modificar as alças.



7—Conducta do pelotão como apoio sendo:

- a) nos altos;
- b) no movimento para a frente (em ordem unida) em linha, em columna de esquadras e em columna por dois, fraccionado em esquadras ou fileiras, (em ordem aberta) desenvolvido para atravessar zonas descobertas e uma vez chegado ao abrigo, unindo de novo;

c) como reforço da linha de fogo;

d) na marcha retrograda;

8—Estabelecimento de situações de combate muito simples para desenvolver o senso tactico do commandante de pelotão, dos commandantes de esquadras e dos proprios soldados, bem como a sua aptidão para o aproveitamento do terreno e sua conducta pessoal quanto ao emprego da arma, escolha do objectivo, etc.

9—Tiro de pelotão.

10—Determinar a posição do feixe de trajectorias, concentrando o fogo sobre um ponto especialmente adequado para observação.

11—Observação da efficacia dos projectis e bem assim dos pontos de queda.

c) Instrucção dos homens sobre o serviço de patrulhas, idem dos apreciadores de distancia e dos corneteiros e tambores, quanto ás obrigações especiaes destes ultimos em combate.

## 5 — Instrucção da companhia

### a) Exercicios formaes.

Entre estes exercicios devem figurar de preferencia os de desenvolvimento e marcha da companhia.

1—Desenvolvimento simultaneo de dois pelotões, na forma indicada na instrucção da esquadra em a) 2,3, 4, partindo da companhia em linha, em linha de columnas de esquadras, em columna de pelotões e de esquadras.

2—Desenvolvimento simultaneo de tres pelotões, na forma identica e partindo das mesmas formações, mas attendendo ao seguinte:

a) pelotões das alas desenvolvem-se ao lado do pelotão do centro; os pelotões da cauda ao lado do pelotão da testa;

b) si a companhia está em linha ou linha de columnas de esquadras o desenvolvimento se faz sobre um pelotão da ala;

c) si a companhia está em columna de pelotões ou columna de esquadras, os pelotões da cauda só se desenvolvem á direita ou á esquerda do pelotão da testa.

3—Desenvolvimento de fracções da companhia, para prolongar a linha de atiradores, executado no logar ocupado por estas fracções ou depois de se terem ido colocar atraz da sua frente de desenvolvimento.

4—Desenvolver fracções da companhia para

intercallal-as na linha de atiradores e nova divisão de pelotões, secções, e esquadras.

5—Augmento e diminuição de intervallos.

6—Separar da linha de atiradores fracções da companhia, fazendo-as retroceder ou defendendo-as enquanto os outros atiradores avançam

7—Marchas extensas, para a frente, de grandes linhas de atiradores (constituidas de varios pelotões) e bem assim marchas retrogradas e de flanco nas mesmas condições. Veja-se tambem instrucção individual a) 5 e 10. Mudança do pelotão base.

8—Conversões (cada pelotão por si e em sequida restabelecimento da ligação com o pelotão que se acha no peão). Veja-se tambem instrucção esquadra a) 8.

9—Unir, cerrar, aos seus logares, á pé firme e em movimento (para as fracções que tiverem desenvolvido e para toda companhia).

10—Lances por pelotão, por secção, por esquadras e lances simultaneos de varios pelotões.

11—Remuniciamento.

12—Transmissão de ordens etc. como na instrucção do pelotão em a) 9 e 10.

b) Exercícios no terreno e com inimigo.

Muito embora nestes exercícios se tenha sempre em vista o combate, recommenda-se entretanto não executal-o inteiramente, em todas as suas phases, desde a entrada no campo da lucta até a occupação da posição inimiga.

E' preferivel, ao contrario, executar parcialmente phases do combate, mas sempre com o inimigo representado por tropa, figurado ou pelo menos supposto. Estas phases de combate, que devem ser exercitadas sem ligação uma com a outra e sem obedecer á ordem em que aqui figuram, são as seguintes:

1—Marcha com aproveitamento do terreno até a zona do fogo efficaz da infantaria inimiga, com segurança de marcha, desdobramento, fraccionamento e emprego de formações que diminuam o efecto do fogo da artilharia inimiga (fogos de frente, obliquos e de flanco).

2—Primeiro desenvolvimento contra a infantaria inimiga (p. ex.: uma esquadra com intervallos muito grandes; uma secção com grandes intervallos, um pelotão com intervallos normaes, dois pelotões ou toda a companhia com pequenos intervallos ou sem intervallos, de acordo com a situação tactica do terreno).

3—Abertura do fogo e lucta pelo fogo, com direcção do fogo, repartição do fogo, fogo cruzado; modificações do objectivo quanto ao seu efectivo, natureza e actividade; reforçamento da linha de fogo e mudança de objectivo para toda a companhia, ou para uma das suas partes.

4—Avanço por lances, sendo por pelotões, por secções e por esquadras, conforme a si-

situação tactica e o terreno. Os lances por esquadras se empregam de preferencia para ir da posição de fogo da companhia até a immediata (nesta posição, intensa fuzilaria de toda a companhia, com suas fracções, na mesma linha de fogo).

5 — Avançar de rastos com ou sem interrupção do fogo, por esquadras, secções, pelotões e por toda a companhia.

6 — Execução do assalto com representação dos dois casos seguintes:

- a) o adversario espera o assalto;
- b) o adversario retira antes do choque.

No ultimo caso fogo de perseguição.

7 — Combate pelo fogo contra a cavallaria.

8 — Preparação succincta, abertura rápida e energica execução do combate pelo fogo, de toda a companhia.

9 — Combate pelo fogo contra metralhadoras.

10 — Transposição de uma zona batida pelo fogo inimigo, conforme a situação tactica, a efficiacia do fogo inimigo e o terreno, por esquadras ou pelotões *em ordem unida*, uns em seguida aos outros, *no passo acelerado*, e em *ordem aberta* no passo sem cadencia e *marcha-marche*.

11 — Transposição de obstaculos.

12 — Conducta do apoio.

13 — Preparação e installação da posição de defesa.

14 — Primeira ocupação da posição.

15 — Combate pelo fogo e reforçamento da linha de fogo.

16 — Repellir o assalto do inimigo.

17 — Retirada e passagem á ordem de marcha.

18 — Conducta no caso de encontro inopinado com o inimigo (ex.: dentro de uma floresta).

19 — Como conclusão da instrução de combate, deve-se seguir a execução completa de um ou de alguns combates offensivos e defensivos, nos quaes o inimigo, se fôr possível, deve ser representado por uma outra companhia. Os soldados devem achar-se providos de munição de festim, em abundancia, a qual deve ser poupada nos exercícios formaes de companhia, onde mesmo, frequentemente não se a emprega.

20 — Ao lado destes exercícios, para instrução tactica dos subalternos e sargentos e para facilitar a estes a comprehensão dos desejos e resoluções do commandante da companhia, habilitando-os a decidirem sempre em harmonia com seu chefe e, finalmente, para tornar efficiente a cooperação de todas as fracções no combate, o commandante da companhia deve com frequencia fazer conferencias e excursões tacticas, tendo sempre em vista uma applicação do que foi por elle ensinado.

(Continua)

Capitão Souza Reis.

## Caçada da Lebre

1º — Para desenvolver entre os officiaes e praças a aprendizagem do serviço de patrulhas na guerra, permittindo-lhes ao mesmo tempo um exercicio constante para o desenvolvimento de suas qualidades, ficam instituidos no regimento X os exercícios de *caçada da lebre*, aos quaes concorrerão por inscripção voluntaria grupos de praças (patrulhas) chefiados por officiaes.

2º — Para a organização dos exercícios será constituída uma commissão permanente, eleita entre os officiaes do regimento e composta de 1 major, 1 capitão e um subalterno.

3º — Em cada caçada as patrulhas terão organisação variável conforme a natureza do exercicio, sendo porem a organisação de cada patrulha da competencia do official que a chefia, respeitadas as condições prescriptas para a comparabilidade.

4º — Só poderão inscrever-se para esses exercícios officiaes e praças que sirvam no regimento.

5º — Nem sempre haverá a patrulha — lebre — ficando a sua existencia dependendo do thema. Em qualquer caso, porem, sempre que houver, será a lebre considerada tambem uma patrulha.

6º — As inscripções para cada exercicio serão dirigidas á commissão permanente e deverão dar não só a organização do grupo como os nomes dos respectivos concorrentes.

7º — Feita a inscripção de um grupo, qualquer alteração deverá ser, quanto antes, comunicada á commissão permanente.

8º — As patrulhas, excepto a lebre, serão sempre numeradas, e em hypothese alguma conduzirão distintivo especial.

9º — O papel a desempenhar por todas as patrulhas será definido em um thema dado na occasião. A hora de sua leitura regulará o inicio do exercicio.

10º — As patrulhas poderão combinar os seus esforços; tanto a elles como á lebre é permittido indagar dos habitantes tudo que lhes possa facilitar a missão. Por ser difficult apurar, ficará ao criterio da commissão, tendo em vista o thema organizado, julgar si se deve ou não atirar.

11º — A actividade de todas as patrulhas, inclusive a lebre, terá logar sempre dentro de uma zona que será limitada conforme o thema.

12º — Os chronometros de todas as patrulhas serão sempre regulados pelo do director da caçada.

13º — Cada patrulha deve conduzir uma ração de marcha (boia para o dia), porque o exercicio não se suspenderá por qualquer que seja o accidente.

14º — Como em todo exercicio a critica é que revela o ensinamento, a patrulha vencedora, mas somente ella, será honrada com essa distinção. A critica que será lida pelo presidente da commissão permanente, será a apreciação feita pela commissão da conducta da patrulha no desempenho de sua missão.

15º — Em homenagem á patrulha vencedora como um reconhecimento ás suas qualidades militares, fica instituido o (\*) que consistirá num almoço que será offerecido em nome da oficialidade do regimento e organizado pela commissão.

16º — O resultado de cada exercicio (classifi-

(\*) Nome symbolico a escolher.



cação das patrulhas) será pronunciado pela comissão até quinze dias depois do exercício; na mesma ocasião, como aperitivo para o almoço, será feita a crítica de que trata o número 14.

17º — A comissão permanente tem autoridade para regulamentar os detalhes que não afectem as bases do presente regulamento.

18º — Incumbe á comissão:

a) A organização e execução das partidas, a direcção da caçada e o julgamento.

b) Entender-se com o commandante da unidade para dar ao exercício o carácter oficial.

c) Fazer os convites aos officiaes para o preenchimento das vagas que se derem durante o anno, mas respeitado o que prescreve o número 2.

d) Organisar as partidas de modo que suas prescripções se amoldem aos principios geraes que regem esse serviço em campanha.

e) Pronunciar o julgamento até quinze dias depois da realização da partida.

f) Marcar o limite de tempo para as inscripções, receber os pedidos e as communicações sobre as alterações havidas nos grupos organisados.

g) Examinar se no dia do exercício todas as patrulhas se apresentam e se conduzem conforme as exigencias do programma de cada exercício e deste regulamento, para o que seu presidente desempenhará o papel de director de caçada no dia.

h) Providenciar sobre a zona, seus limites, levantamento e croquis para serem fornecidos ás patrulhas no dia.

i) Tomar providencias junto á unidade sobre o pessoal necessario para auxiliar a comissão não só na preparação do exercício como em sua realização, inclusive o serviço de socorro.

19º — Não só as exigencias a fazer aos concorrentes, como as bases para o julgamento serão claramente definidas em cada programma particular.

\*

\* \*

### Programma para o 1º exercício

1º — Realisa-se no dia ... de ... etc., no quartel desta unidade, o primeiro exercício de caçada da lebre do corrente anno.

2º — As inscripções para este exercício deverão ser feitas até o dia ...

3º — Para o presente exercício cada patrulha terá a seguinte composição: 1 oficial, 1 sargento, 1 cabo (ou ampeçada) e 3 praças.

4º — O exercício consistirá na actividade de varias patrulhas com determinada missão, lançadas contra uma patrulha inimiga (a lebre) a qual conseguiu penetrar na nossa rede de postos avançados.

5º — O thema fornecido no dia e os demais esclarecimentos feitos pela comissão permanente definirão precisamente a situação dos concorrentes.

6º — Para a lebre não haverá inscrição, sendo a sua organização da competencia da comissão permanente e feita mediante convite.

7º — Os uniformes serão...

8º — Os officiaes de todas as patrulhas, lebre inclusive, conduzirão espada, pistola, binocolo, bolsa, bussola e tudo que os mesmos julgarem indispensavel nesse genero de exercicio. Os demais homens irão a meia marcha.

9º — No fim de cada 30 minutos após a partida, todos os grupos, inclusive a lebre, são

obrigados a parar para tomar as suas notas sobre os accidentes e mais factos importantes ocorridos nesse espaço de tempo.

10º — Cada commandante de patrulha, lebre inclusive, é obrigado a apresentar, meia hora depois de terminado o exercicio, um relatorio em meia folha de papel almasso no maximo, junto ao qual reunirá tambem a copia topographica da zona com as indicações dos pontos onde se encontra, precisamente, no fim de cada 30 minutos após a partida.

11º — Qualquer dos grupos que se dispersar, inclusive a lebre, é obrigado a dizer em seu relatorio o que motivou a dispersão, logar onde se deu e hora; identicamente: todo o grupo que dispersar a lebre dirá em seu relatorio o logar onde se deu a dispersão e hora.

12º — No presente exercício é prohibido o emprego do tiro de festim pelas patrulhas.

### Criterio para o julgamento

13º — O julgamento será feito pela somma dos pontos que obtiver cada patrulha.

14º — A patrulha que alcançar um numero de pontos igual a zero ou negativo será desclassificada.

15º — A contagem dos pontos se fará do seguinte modo:

— Captura do official... 4 pontos; — captura do sargento... 3 pontos; — captura de um qualquer dos outros homens da patrulha... 1 ponto; — captura de toda a patrulha... 12 pontos.

Dispersão da lebre por uma patrulha, sem resultado — 2 pontos. Não entrega do relatorio — 2 pontos. Não entrega do croquis — 2 pontos. Perda dos homens da patrulha o mesmo que já foi estabelecido para a captura, mas negativamente. — Irregularidade observada quer pela comissão, quer pelos proprios concurrentes, mas insoshismavel — 3 pontos.

Observação do que fôr prescripto no R.S.C., mas apenas o que fôr compativel com o exercicio e fôr possivel apurar... 3 pontos.

16º — A comissão attenderá nos demais esclarecimentos que não foram aqui previstos.

\* \*

Taes são as bases, ou antes, a lembrança que lanço para a organização de tão uteis exercícios.

O trabalho que apresento é apenas um esboço, cabendo a cada unidade imprimir-lhe o polimento necessário para que tudo se concilie e se faça com proveito.

A bona vontade da officialidade, manifestada no interesse para que o exercicio se realize, tanto quanto possível semelhantemente á realidade da guerra, e, portanto, com proveito, é talvez o principal factor de successo.

Para outros exercícios podem ser organisados temas que obriguem os mesmos a terem lugar á noite.

Os exercícios á noite são particularmente proveitosos. Por exemplo, os themes que dão ás pequenas patrulhas a missão de guiarem á noite as columnas na approximação de uma posição defensiva, segundo um balisamento por elles feito ainda com luz.

Um outro tipo de thema é o que fornece ás patrulhas a missão de capturar um p.p., sendo as mesmas obrigadas a atravessarem a linha de sentinelas. Neste caso o posto pode ser figuriado e desempenharia então o papel de lebre.

Ainda como tipo interessante de temas se pode fornecer aquelle que consiste em raids de patrulhas lançadas sobre uma posição com o objectivo de reconhecer-a. Para este tipo, a posição deve ser preparada com figurativos representando tropas, disposições, extensões, etc. Uma linha irregular de sentinelas limitará a approximação maxima dos raidmen. Vencedora neste caso deve ser a patrulha que fornecer o melhor reconhecimento.

#### *Thema*

(Para as patrulhas)

Uma patrulha inimiga conseguiu penetrar em nossa rede de postos avançados e acaba de ser vista em X. E' preciso capturar-a para evitar que o inimigo colha informações.

Ponho ... homens á vossa disposição Z.

(Para a lebre)

Sua patrulha foi encarregada de um reconhecimento sobre a posição inimiga; conseguiu penetrar em sua rede de segurança, foi descoberta e está de fuga. Em sua perseguição foram lançadas varias patrulhas. E' preciso que me traga o resultado de seu reconhecimento. X.

1º Tenente *Barbosa Monteiro*.

O.R. Eq. mandado adoptar provisoriamente attenta contra todos estes preceitos.

Não distingue as duas partes essenciais, que são o fundamento da preparação da tropa de cavalaria. Dos dois períodos de instrução que constituem os seus capítulos principaes, o primeiro tem o «fim exclusivo de dar assento ao cavalleiro», e o segundo contem «os recursos para elle melhor se aproveitar de sua montada». Nada diz o regulamento sobre o trabalho das remontas, parecendo cogitar exclusivamente do preparo do recruta, não obstante pretender que «para o ensino do cavallo encontrar-se-á a marcha a seguir para se obter o posto na mão»<sup>(1)</sup>. Pôde-se asseverar mesmo que a não ser umas leves allusões e as «regras para a doma», que vêm nos annexos e as quaes preconisam ainda o processo de tortura das correias numeros 1 e 2 e celebre cataplasma,<sup>(1)</sup> a questão capital do ensino do cavallo foi posta de lado. Esta inadvertencia é um grave erro; o sistema gaúcho, outr'ora tão preconizado, não é applicável á tropa.

Normalizada a questão da remonta no Exercito, os regimentos receberão animaes de duas fontes: — provenientes dos depositos de remonta e adquiridos directamente, quando os depositos não os tenham em quantidade sufficiente. Os primeiros devem ser chicos, pois, segundo pensamos, nos depositos os animaes serão acostumados sómente ao regimen e trato militar, o ensino ficando a cargo dos commandantes de esquadrão. Os animaes comprados para a remonta directa terão domas diversas e apresentarão irregularidades no ensino, que precisam ser corrigidas.

Uns e outros devem ser sujeitos a um metodo racional de adextramento, de modo a estarem em condições de tomar parte nos exercícios de conjunto dos esquadrões, findo um certo periodo que o regulamento tem de estipular. E' preciso, portanto, que o regulamento defina com o maximo cuidado qual o objectivo, o curso e os principios do adextramento e estableça a seriação das lições a aplicar ás remontas, desde o tratamento do cavallo novo até o manejo e emprego das armas de cavallaria. E é principalmente este corâmento do ensino do cavallo que assegura a sua utilidade para o serviço militar. Manter nos estreitos limites do «manejo» e «andamentos», marchas e saltos, o ensino do cavallo de tropa, como seria o exigido para o cavallo de um sportmann pouco exigente, é deixar a sua educação pelo meio, tornando-o improposito ao seu emprego na guerra.

Um regulamento de equitação para o Exercito, além do acerto de suas lições, methodicamente esplanadas, precisa encerrar preceitos de carácter militar referentes ao ensino em conjunto, indispensavel á instrução da tropa. A «lição de domar» do regulamento, que expõe um processo francamente condenado e abolido nos exercitos modernos, pelo que tem de irracional e grosseira, alem de damnificar o animal novo, é inaplicável á tropa. Ela exige, pelo menos, meia hora diaria para cada animal, que deve estar só no picadeiro, ou sejam 6 horas para uma remonta de 12 cavallos, média annual razoável por esquadrão. E' um esforço demasiado grande para ser exigido de um in-

## O regulamento de equitação

### ERROS DE MÉTODO

(Continuação)

As duas partes principaes em que um regulamento de equitação se deve dividir serão certamente a que entende com o ensino do cavalleiro e a que trata do adextramento dos cavallos novos, precedidas necessariamente de uma exposição clara das lições de equitação.

Não basta que se reunam em algumas páginas de um livro noções esparsas de equitação, para se ter um regulamento militar. E' preciso antes, que tudo obedça a um metodo, cuja aplicação facil esteja perfeitamente traçada, porque neste assumpto não é sufficiente ensinar o que se deve fazer, e sim também como fazel-o. Além disso, pelo seu carácter militar, é indispensável que tudo se faça a vozes de comando.

Sob o ponto de vista do metodo é necessário ainda dar como introdução os ensinamentos geraes proprios a facilitar a bona marcha da instrução.

Assim, a nosso vêr, um regulamento de equitação deverá conter:

a) uma introdução, com as generalidades indispensaveis;

- b) lições de equitação;
- c) ensino do cavalleiro;
- d) adextramento das remontas.

Os resultados a obter no ensino dos recrutas dependem a um tempo das exigencias impostas aos cavallos e cavalleiros e do modo racional de dar a instrução. Por isso tem importancia capital no regulamento a exposição das lições de equitação, onde devem ser explanados os recursos da arte equestre; e se alguma cousa, neste particular, tem de ser deixada ao criterio do instructor, esta será a escolha da época em que passará de uma lição a outra.

(1) Esta parte merecerá um estudo especial.

structor, que alem do mais não se deve pre-  
ocupar exclusivamente com a equitação.

\* \* \*

No que diz respeito á instrucción do cavalleiro, o regulamento tambem não satisfaz as exigencias da tropa.

Principia nada dizendo sobre a progressão das lições e divisão do tempo de trabalho, classificação dos cavallos e cavalleiros do esquadrão em escolas ou secções para a instrucción individual, movimentos em conjunto e figuras convencionaes do picadeiro necessarias á facilidade do ensino. Os seus preliminares, de tres paginas apenas, não dão ao instructor os elementos indispensaveis á applicação dos preceitos inseridos nos dois capítulos de instrucción. Elles só seriam completos se contivessem todas as generalidades indispensaveis ás lições de conjuncto.

O primeiro periodo de instrucción contem nas 7 primeiras secções as regras para montar e apear, pôr o cavallo em marcha e parar, gymnastica, volteio e volta, trabalhando ao passo, trote e galope. E' sómente na 8<sup>a</sup> secção nos «movimentos principaes da mão», no fim, n'um canto do livro, que se ensina a voltar e mudar de direcção; e isto mesmo tendo as quatro redeas na mão esquerda, quando todo o trabalho anterior é feito de bridão, redeas separadas. E assim o recruta passara cerca de 47 dias de exercicio trabalhando n'uma recta indefinida, sem recurso para fazer o seu cavallo tomar á direita ou á esquerda. E' de notar que nestes 47 dias de trabalho *em linha recta* está incluida a 6.<sup>a</sup> secção, de passeio no exterior.

A questão das ajudas, cuja combinação e emprego constituem a *chave da equitação*, como o proprio regulamento reconhece na «Introdução», está lamentavelmente confusa. A adopção da expressão *auxilio*, empregada ora na accepção de *ajuda*, ora com significação diversa, veio prejudicar a comprehensão, com a desvantagem de trazer uma innovação desnecessaria.

Mas, é na parte basica do ensino do recruta que o regulamento veio inculcar no espirito dos jovens officiaes da cavallaria a noção mais fundamentalmente errada que elle contem em matéria de methodo de instrucción.

A posição e attitude do soldado no serviço constituem a base de sua educação militar em todos os ramos da instrucción. No que diz respeito á equitação, a posição do cavalleiro é indispensavel ao domínio sobre o cavallo exigido para a utilisação efficaz das armas de combate. Obte-la e conservala por lições precisas, é a primeira condição, o fundamento da equitação. Por iso o R. Eq. devia prescrever que *durante toda a instrucción, em todas as escolas o objectivo principal do instructor deve ser — obter o bom assento* —, a que corresponde a posição militar a cavallo. Só com o assento correcto é que se pôdem aplicar ajudas promptas, oportunas e efficazes, pelas quaes o cavalleiro transmitte ao cavallo a sua vontade e o domina.

Não vae isto a dizer-se que desde o começo seja o recruta forçado ao assento regulamentar. A regra é: — «primeiro inteiramente á vontade,

depois posição militar» —. Mas o regulamento deve definir logo nas primeiras paginas qual a attitude correcta do cavalleiro, que o instructor se esforçará incessantemente para obter de seus soldados.

(Continua) Lima Mendes e Euclides de Figueiredo.  
1<sup>os</sup> Tenentes de Cavallaria

## A reconstrucción da fortaleza de Santa-Cruz

Impossivel até hoje, saber-se da orientação que dirige a defesa da nossa barra. Vinte e cinco annos são passados apôs a apresentação do projecto americano, amplo e dispensioso, quasi phantastic peloousadia de sua concepção e pela critica dos technicos de então, á frente dos quaes, sobre o assumpto, pontificava, sem desmerecer dessa situação de destaque, o saudoso Borges Fortes. Não houve acceptação de alguns dos rumos indicados, mas, como si fossem consequencias de novos planos e não as do cotejo forçado daquellas opiniões bem firmes, resultaram logo duas obras — o Imbuhy e a Lage — e, posteriormente, a de Copacabana, a primeira e a ultima mal dispostas, e todas insuficientes numericamente. Mais tarde, como de surpresa, iniciou-se o estabelecimento de duas baterias de obuseiros — S. Luiz e Vigia — de efficiencia discutivel. Agora, segundo se lê nos diarios, de duas se cogita e até já se disse de sua pesada artilharia com certa massa de detalhes que, a mais não ser, é curiosa em conveniencias, razão por que não são illogicas estas linhas, ha muito escriptas e que, num silencio patriótico ficariam, si não conhecessemos, agora, ser o mutismo um cumplice de construcções defensivas que julgamos de pouco ou nenhum efecto.

Certamente, não se deve pensar que a direcção importantissima da nossa defesa costeira corra á mercê das periodicas administrações da Guerra, mas tudo nos leva a crêr que derivações ella tem soffrido, incabiveis em normas de serviços serios, sem que, contudo, caiba a minima parcella de responsabilidade aos artilheiros, — gosto de repisar este ponto — profissionaes que, sob a letra dos regulamentos e do elementar bom senso, deveriam ser ouvidos suficientemente em casos dessa natureza. D'outra forma, não se explica o silencio, de certo modo aggressivo, dos nossos technicos sobre a chave da defesa do Rio, contra a qual, parece, se desencadeiam as iras das idéas modernas mal sabidas e, por isso, acceptas prematuramente.

Desde o inicio da remodelação do velho sistema de fortificações da Republica, foi projectada a reconstrucción de Santa-Cruz, adiada, então, por motivos de ordem economica e, depois, naturalmente pelo já exposto — das modificações successivas no modo do alto enxergar as cousas que dizem respeito á defesa nacional — não mais se tratou da velha fortaleza, apesar de existirem dois projectos, dignos de estudo, Aguiar — Leite de Castro e Conceição Monte — para transformal-a radicalmente, trabalhos apresentados spontaneamente, tal a influencia que, no espirito dos seus autores, exerceo a localização da antiga obra portugueza e sobre a qual nunca houve opiniões que a depreciassem, a não ser agora, que um pretenso «cruzamento de fogos» e um impossivel afastamento effi-

caz da defesa, com caracter de proficia e unica, estão a perturbar, outra vez, com razões que se não applicam ao caso, mas dellas se aproveitam como mascaras, a marcha intelligente da fortificação do nosso porto, de modo tal que Santa-Cruz nada mais é do que um simples quartel, uma pequena villa militar, desde que ninguem nella quer vêr um espantalho tradicional, como, por dezenas de annos, aconteceu, e, hoje, nem esse aspecto moral ella possue.

A respeito desse descaso, ha quem diga que elle foi providencial porque a nova fortaleza teria sido um gasto inutil, visto como, a esta hora, estaria a necessitar de ser abandonada ou transformada. Esquecem-se, contudo, aquelles que em materia de internacionalismo confiam no acaso, que estivemos ameaçados de ruptura em nossas relações, momentos que não foram evitados sem que se olhasse para a ridicula defesa do Rio, e que uma revolta, em que um só elemento era de valor, deprimio, principalmente porque Santa-Cruz nada valia, o moral dos nossos bravos artilheiros que dispunham simplesmente de uma vóvó, sem alcance e mal collocada, sem que essa fortissima attenuante os livrasse da perfida apreciação de Grasset, sobre o periodo 1893-94, e com a qual, apezar de fazer o paralelo entre as artilharias em lucta, nos taxou de incompetentes.

Não ha uma só autoridade, dessas que sufficientemente tratam da defesa costeira, que tenha a audacia de negar o valor inegualavel dos passses: — as opiniões rematam sobre elle, tal a magnitude do assumpto. Nesta questão, embora haja a desculpa orçamentaria a encobrir, como causa principal, o esquecimento do local em que está Santa Cruz, ha, de facto, contrarias ao seo aproveitamento, interessantes razões que se resumem no seguinte: — a defesa deve ser, o mais possivel, encaminhada para fóra, afim de evitar-se o bombardeio da capital, do largo e por cima das cristas que a cercam, deixando o passo fracamente armado e somente capaz de enfrentar as unidades de fraca tonelagem que escapem aos grossos calibres; a viabilidade do seu fornecimento; a possibilidade de um combate que, por sua proximidade, possa damnificar a cidade, etc.

Ha nisto tudo, prejudicando a propria segurança da capital, o eterno receio de que ella seja attingida em tal occasião, como si preferisse que o aggressor vencesse o passo e acomettesse *de plein fouet* a cidade, ou si aquelle mal lhe viesse do artilhamento do mesmo e alguém fosse capaz de pretender somente garantil-a com tal defesa tão exclusiva. Em relação ao franqueamento da garganta da nossa bahia, parece que os crentes na segurança dessa operação estão ainda embevecidos com as antiquadas declarações de Farragut, após ter atravessado uns intervallos sem importancia, façanhas que deram lugar a que escrevesse emphaticamente «ser possivel o forcamento dos passos defendidos por fortes», sem que a sua honestidade de marinheiro dissesse qual o valor das obras por elle atacadas, pois, no relato das suas *audaciosas* empresas, não confessou que taes fortes estavam quasi desarmados e eram baterias baixas. Mas, para chegar-se a comprehender a força das asseverações de notavel marinheiro, temos á mão prata de casa, durante o periodo, já apontado, de 93-94....

\* \* \* \* \* A primeira das causas citadas — o afastamento da defesa para fóra da barra, tem valor relativo, mas não obrigando isso ao quasi abandono em que está o passo. A idéa é velhissima e sempre foi constante no espirito dos nossos profissionaes, e, principalmente de Zalinski, que a expressou num projecto exagerado, mas nenhum delles pretendeu dar á nossa primeira linha de defesa um caracter de supremacia, relegando para segundo plano as posições magnificas da nossa barra, nas proximidades do passo. Demais, o afastamento da defesa primordial é aconselhada quando a situação topo-hydrographica o permite, quando, por ex., se trata de um longo canal precedendo um porto, e isto não é o nosso caso.

Ora, é aquillo que, agora, se pretende, e, nesse afan, em que é nota principal a preoccupação do artilhamento exclusivo, avançamos mais do que radicalmente. Tenho ouvido que iremos longe na materia, cuidando do artilhamento de Itaipú e Mariscos, de que se espera efficacia tal que, quasi nada mais é preciso para impedir approximações de esquadras do nosso porto.

Não me arreceio de afirmar, prossegindo na minha velha campanha, durante a qual, ha dez annos, se iniciaram discussões sobre a fortificação das nossas costas, ser um absurdo o abandono dessa posição invejável que é Sta. Cruz, onde se podem installar baterias de todos os generos, baixas e altas, dotadas dos calibres convenientes, e até a torpedina.

Quaesquer que sejam as opiniões de peso, concordam todas em que haja uma linha afastada do passo, mas, agora, é de crér que ella seja a levemente quebrada, pontuada por Itaipú, Copacabana e Mariscos, surgindo este sem explicação, porque nem para o vetusto cruzamento do fogo elle servirá —, içando-se para o primeiro e terceiro daquelles pontos a grossa artilharia americana que, si não adquirida, está por isso, e, com essa interessante frente de obras poderosas, ha quem garanta a inexpugnabilidade da nossa defesa contra as investidas ao porto. Penso que os autores da originalissima linha, uma verdadeira *idéa-mãe*, como dizíamos nos mäos tempos da Praia Vermelha, si derem seguimento á mesma, a fortificação do Rio se estenderá até Santos, mesmo porque, a essa predominante idéa, devemos juntar a curiosa tendencia que temos tido pelas pontas baixas.

A longa linha Itaipú-Mariscos, perfeitamente franqueável, é uma descahida de bom senso, porque, para sanar a sua inocuidade, é mistér a intromissão de Copacabana, mesmo com a sua numericamente minguida artilharia, e a de Mariscos, quando muito, servirá para afastar um comboio cujo desembarque demorará somente, sem evitá-lo, visto como, respondendo á grossa artilharia de bordo, seria isso mais uma prova da inutilidade de taes canhões em operações desse genero, isto é, no momento critico de tal accção: — transformar-se-hia em defensor da restinga de Jacarépaguá.

Vejamos a situação, depois de concluidas as obras, permanecendo o passo como está. O aggressor salienta-se por quatro unidades de forte tonelagem e as miudas que tacticamente devem acompanhal-as, pouco nos importando qual a sua missão — si desobstruir de artilharia o caminho para um grande comboio de desembarque, si fazer energica investida ou simples demonstra-

ção exploradora para conhecer o passo, como ha sido commun proceder-se. Elle tem que atravessar, primeiro, a linha já referida, Itaipú-Mariscos, longa de 25 kilometros, defendida nos seus extremos por quatro canhões de 305, de 18.000 yards ou 16 kilometros approximadamente, de alcance, e dois outros em Copacabana. Sabendo que nós possuimos esses dois pontos fortificados, dos quaes tem informações exactas de suas cotas e artilhamento, obtidas pela imprensa e confirmadas pela espionagem, o inimigo collocar-se-á em disposição tal que seus canhões grossos, formando um total de 48 peças de calibre igual ao das obras, só se dirijam para uma delas, isolando-a completamente para, si não destruila, pelo menos inutilisal-a por algum tempo. Pelas disposições das costas L e O, que divergem numa amplitude de quasi 180°, como si uma fosse o prolongamento da outra, Itaipú e Mariscos não se apoiariam em absoluto, e Copacabana, nesse duello desigual, ficaria reduzida á expectativa.

Não é concebivel que, por mais vantajosas que sejam as condições da artilharia costeira sobre a naval, qualquer daquelles fortes — que não se lhes chamem de «fortalezas», como é de uso official — fique em situação de prolongar a lucta, pois não ha exemplo da resistencia vencedora de uma obra unica de tal valor bater um atacante assim superior, mas sim um sistema delas; o prurido dessa defesa tão ao largo faz esquecer que a situação da costa isola cada uma dessas obras, frustando-lhes positivamente o valor mutuo.

Destruido um, não será preciso prejudicar o outro, bastando forçar a linha nas proximidades da obra annullada — Itaipú, naturalmente — sem receio de ser attingido pelo interessante Mariscos, espantalho que vae ser carissimo, e marchar, a toda velocidade, parallelamente ao sacco Itaipú Telegrapho, apontando rapido defrente do Imbuhy, depois de ter alguns disparos de Copacabana, quasi impossibilitada de atirar, então, para não maltratar a defesa movel da restinga da lagôa de Piratininga e adjacencias. Aliás, si esta defesa não existisse, facto que não seria para espantar, á distancia de nove kilom. não daria á Copacabana a energia capaz de prejudicar os couraçados a ponto de inutilisal-os, e, si entrarmos com o valor dos explosivos, aliás commun a ambos os adversarios, claro está que, antes de um forçamento á barra, o atacante preferiria calar aquella bateria com o emprego de taes elementos. Enfrentando o Imbuhy, a artilharia deste, mesmo atrazada de 25 annos, será efficaz, por trabalhar dentro da zona do tiro tenso, mas, parca de canhões, os efectos serão poucos. E o Telegrapho e a Tabaiba abandonados... D'ahi em diante, a lucta tomará um caracter serio, vivo, nutrido de fogos, sustentada pelas duas grossas torres do Imbuhy e da Lage e pela artilharia media que exclusivamente fortifica os nossos dois quartéis de tropas costeiras — S. João e Sta. Cruz (<sup>1</sup>). Então, da esquadra, o fogo será experto, como uma diversão desesperadora, para que a elementar defesa submarina do passo seja destruida. Ora, por mais porfiado que seja o combate, equilibrados em preparo e valor os combatentes, o desequilibrio ma-

terial, — mesmo que se dê brutal porcentagem a favor da artilharia costeira, mas da qual só ha ridiculos e pretenciosos calculos que exageraram demasiadamente as vantagens da mesma, prejudicando o seu indiscutivel valor real, — é consideravel e não pode deixar duvidas sobre o resultado da aggressão, e, nessa occasião, naturalmente os apologistas da exclusiva defesa ao largo, socegadamente trepados no Pão do Asucar, poderão conhecer o valor de suas opiniões.

A nossa parcimonia sempre nos tem levado a dispôr a nossa artilharia binaria e erradamente, por grupos isoladissimos, dando-se, como razão disso, a felicidade dos tiros de bordo — como julgamos mal os artilheiros do mar! — sobre uma bateria densa, mas os que assim pensam se esquecem que, hoje, elles se alongam, separando convenientemente as peças, por unidade ou conjugadas, estas quando sob cupolas. Fóra disso, somente a deficiencia de espaço pode justificar modificações logicas.

Sem a minima intenção de procurarmos minucia em tactica naval, apresentamos uma esquadra organisada à la diable. Si tivermos, para exemplo, uma constituída o mais racionalmente possível, equilibrada, com suas unidades aptas a cada mistér, lançando as suas tonelagens de ferro e aço com mais segurança, o que será dessa defesa, melhorada, como se pretende, e que passa a receber maior numero de alvos? Mesmo ferida em elementos de valor, essa esquadra farçará facilmente a barra, si não quizer iniciar a acção lenta de destruir as nossas obras desapoiadas. É facil isso. A nossa barra tem uma forma que só permite a intensificação defensiva no polygono do passo, salvo si aquella primeira linha de defesa for modificada racionalmente, abandono-se o inutilissimo Mariscos, e substituindo-o pela Rasa, posição esta de que se não cogita, apesar de indicada pelo dedo da Natureza, benigna fornecedora de parapeitos para a nossa grossa artilharia. Essa linha avançada seria constituída, portanto, por Itaipú, Rasa e Copacabana, esta transformada em vítima, quando o ataque vier pelo sector de Oeste, nas condições de hoje.

Fortificar a Rasa — é direcção velhissimamente apontada e não uma novidade com ares de utopia, como pensam alguns. Devemos fazer della uma obra fortissima, uma Heligoland em ponto menor, pois as suas dimensões permitem um artilhamento extenso e poderoso. Flanqueada por Itaipú e Copacabana, estes modificados numericamente, não evitaria em absoluto, é certo, um forçamento do seu bloqueio defensivo — deixem passar o paradoxo — mas, quando elle fosse conseguido, o inimigo talvez pouco tivesse de valer para atravessar o passo.

A não penetração dos portos militares de 1.<sup>a</sup> ordem foi sempre evitada pela agglomeração das obras na golla e, recentemente, Porto-Arthur e Dardanellos não foram invadidos por taes motivos e, mais, porque suas defesas dominavam das alturas. Ao estreito turco, o ataque foi o mais formidavel que se conhece e servio para abater o orgulho britannico nas feridas mortaes de suas naves e na situação de mero bloqueio a que se reduziu. A garganta da nossa bahia, a tal respeito, está semelhante ou melhor quanto á largura e posições elevadas, do que a de Dardanellos, mas inferior, por não ser de margens longas. Para contrabalançar a enorme profundida-

(1) Não entro em linha de conta com as baterias de obus-zeros, por motivos bem dignos de serem estudados, mas que devem ser calados.

dade das nossas aguas, despidas de bancos e abrolhos e a muita corrente que difficulta a installação submarina permanente, mas possivel, temos a situação orographica do littoral a dar-nos pontos de cotas varias para um artilhamento seguro.

Ainda que se realize a 1.<sup>a</sup> linha, a defesa tem que ser intensa nas immediações do passo, visto como a infallibilidade daquella, mesmo modificada com a intromissão da Rasa, não é causa que se possa afirmar com toda a segurança: não só, na guerra, as surpresas se multiplicam, como tambem, sem elles, as distancias de 8 e 14 kilometros, existentes da Rasa respectivamente para Itaipú e Copacabana, dado o caso de um ataque de uma forte esquadra, permitirão que a maior parte de suas unidades escapem para forçar o passo.

Não ha um só exemplo que venha affirmar a segurança da 1.<sup>a</sup> linha de defesa pretendida. Si tivessemos ilhas como a de Wight, fechando a baia de Portsmouth e de Heligoland que, embora um pouco afastada do littoral, é o centro de toda a defesa formidavel do Elba, pois tal poderio lhes vem principalmente da sua extensão, poderíamos socegar a respeito. O triangulo, formado pelos pontos citados, apesar de deixar saliente em demasia a posição da Rasa, razão por que se lhe pede extenso artilhamento, é uma respeitável guarda avançada, capaz de muito, mas não de evitar em absoluto o forçamento do passo. A contemplação da carta e a percepção panoramica evidenciam brutalmente o caso: a concepción de termos ali a mais forte defesa nossa representa cousa nova, ousadias impróprias deante da artilharia naval que, pelo menos, já subiu numericamente e está a traçar de conseguir meios para fugir aos desvios causados pelas vagas.

Todos os paizes se apegam aos passos para efficiencia da defesa dos seus portos. Qualquer dos pontos do nosso aproveitará toda a energia da artilharia que racionalmente lhe derem, sem que, atacado, não tenha em seu socorro todo o sistema de obras, produzindo-se, então, as provas do não franqueamento do porto, provas que são as mesmas que se darão em todas as conhecidas defesas de 1.<sup>a</sup> ordem porque — examine-se o Didelet — apresentaram e apresentam o aspecto de organização.

Nada nos tem indicado que devemos inverter essa feição commun e simples, buscando princípios novos, inaplicaveis aqui, nos momentos de crise, mesmo quando a guerra actual está provando que a situação defensiva dos portos é a mesma de sempre, tem carácter superior ao offensivo das esquadras, sem que, contudo, se possa estabelecer uma proporção entre esses valores.

Si não o conhecimento das cousas costeiras, pelo menos o bom senso está mostrando que o caminho, que se deveria ter seguido, o de começar a construcção das obras do passo para o largo, como se fez a principio, mais do que nunca, impõe-se seriamente. O desvio que se lhes deu, exige consequentes palliativos: Copacabana tem que pedir mais elementos...

Citemos, por fim, a favor do nosso modo de pensar, um factor que tem sido despercebido extranhamente — o nevoeiro. Commun á nossa barra, apresentando quedas bizarras, nunca li que tivesse impressionado aos autores de varios projectos para a defesa do Rio ou aos fixadores de

pontos necessarios á mesma, a quem tem bastado a carta de Delamare, aproveitada pelo almirantado inglez e visitas locaes, com o ifm unico de verificar o campo de tiro e a altitude. Posso afirmar, sem ser muito accionario, que o nevoeiro é um serio elemento a favor dos nossos agressores e do *valor do passo*. Desde Abril, que o examino diariamente. Tivemos, até hontem — 8 de Outubro — 78 dias nublados: em quasi todos, foi mais intenso para o lado de O e, em vinte dias, foram geraes e permaneceram. Quando o nevoeiro era cerrado, o Imbuhy percebia os navios á distancia de 800 a 2.000 metros, e, quando fraco, a nossa percepção attingia a 5.000 metros, mais ou menos, pois calculamos estas dimensões, auxiliando-nos dos pontos de referencia. Citaremos tambem o caso curioso de sua accumulação ora baixa, ora alta, e raramente envolvendo todas as cotas.

Comprehende-se que ao inimigo se apresenta a madrugada como um tempo propicio á investida do passo. A primeira linha não o perceberá, mas o polygono defensivo do passo o verá, na maioria dos casos e, na garganta, a silhueta dos navios é apanhada sempre por qualquer das suas abras, o que lhes é desvantajoso por causa da acção submarina e da lentidão da marcha a que são obrigados.

Tenho por seguro que essa occasião será sempre a escolhida para uma acção de forçamento e, então, si o passo não estiver artilhado intensamente, isto é, si Santa-Cruz, principalmente não fôr uma fortaleza de verdade, a defesa do Rio não existirá, por mais dinheiro que se gaste com a fortificação ao largo.

*Em quaisquer condições*, ella é efficaz e cremos ter demonstrado bem claramente isso. Modifiquem-se as obras dos seus arredores e maiores garantias teremos na defesa, mas, para que esta seja completa, é uma necessidade inadiável a reconstrucção da velha fortaleza. Obras longinquas, afastadas muitissimo umas das outras e despidas dos auxilios mineiros fixos, podem dar occasões para valorisarem a defesa local e, portanto, restricta a zonas evitaveis, mas o seu conjunto não amedronta porque a linha media, tomada como derrota pelo inimigo, corresponde ao enfraquecimento potencial da artilharia costeira.

Imbuhy, 9.—10.—1917. Capitão Jansen Tavares.

## Fogo ceifante na artilharia

Pelas recentes instruções para os concursos de apontadores na artilharia de campanha, que substituiram as annexas ao R. E. A., e pelas identicas instruções para a artilharia de montanha tambem recentes, publicadas em antecipação ao R. E. A. M. ficou adoptado o fogo ceifante para o obuz e para o canhão de montanha.

Ambas estas peças são susceptiveis de mudanças de direcção sobre o reparo, ou mais precisamente sobre o porta-berço, em muito menor amplitude, é verdade, que o canhão de campanha (pouco mais da metade).

Ao fazer a primeira pontaria, ou depois de aberto o fogo deve-se em qualquer das peças fazer as pequenas correções de direcção pelo respectivo volante, enquanto possível. E' portanto admissível o tiro em direcção fóra da perpendicular ao eixo das rodas; e que diferença haverá no comportamento do material em uma série de tiros de direcção obliqua variando sem regra, á mercê das necessidades da regulação da direcção ou em uma série de tiros variando regularmente de direcção da direita para a esquerda ou vice-versa, a ceifa? Porque então não admittir a ceifa no obuz e no canhão de montanha?

E' verdade que nestas duas peças com a obliquidade crescente da linha de tiro em relação ao eixo das rodas diminui a precisão da direcção; mas também é verdade que se deve, como no canhão, só aplicar a ceifa para as frentes que não excedam de cerca da metade da capacidade total do deslocamento pelo volante de direcção (250% para o canhão, 140 no obuz e no canhão de montanha), e que a ceifa só é indicada para o tiro de tempo, caso em que não tem capital importância que o tiro se faça á risca.

E' verdade ainda, que o volante de direcção do obuz e o do canhão de montanha não têm punho, o qual não só facilita o seu movimento, como permite ao apontador pela posição inicial desse punho, gravada de memória, contar as voltas ou meias voltas de volante. Mas, também é verdade, os deslocamentos desses 2 volantes são cerca de metade menores que os do canhão de campanha para o mesmo efeito de direcção, pelo que o punho não faz muita falta; e quanto á marcação da posição inicial de um ponto para contagem das voltas bastará um ponto pintado de branco no extremo de um dos raios, ou pintar todo um raio.

Emfim, o material que por construção admite mudanças de direcção de tiro sem deslocamento do reparo, também admite a ceifa; a ceifa é um processo muito vantajoso no tiro de efficacia quando a frente a bater é muito extensa, sem exceder dos limites acima indicados, porque permite cada peça cobrir o seu quarto de frente sem desancorar o reparo; ella era já regulamentar para o canhão de campanha, nada impede, tudo aconselha estendê-la ao obuz e á montanha; a com-

petencia e a bôa vontade do official facilmente tornarão effectivo esse progresso.

Como ficou implicitamente acima indicado, no obuz e na montanha a ceifa simples exige meias voltas, a ceifa dupla voltas inteiras do volante de um tiro a outro.

*Capitão Klenger.*

## Cuidados com a saude

*Do "Privates' Manual", do major Jas. A. Moss, do exercito norte-americano.*

(Continuação)

### As diferentes maneiras de se adquirir uma molestia infecciosa

Ha sómente cinco modos de se apanhar essas doenças, a saber:

1º — Aspirando os germens vivos;

2º — Ingerindo os germens vivos;

3º — Pelo contacto com os germens vivos;

4º — Pela introducção dos germens vivos na pelle, em consequencia de picadas de insectos;

5º — Por herança dos pais.

Quem vivesse sosinho em uma ilha deserta, não poderia apanhar essas doenças, porque não haveria de quem adquiril-as, e se viesssem para a ilha milhares de pessoas saudaveis ainda assim não haveria doença alguma, porém, se chegasse um unico individuo doente, ou «portador», este seria sufficiente para tornar doentes todos os outros.

Os germens das doenças que podem ser apanhadas respirando dão-se bem na cavidade interior, escura, quente e humida do nariz, da garganta, da trachéa e dos pulmões, e são expelliidos quando se tosse, espirra ou sopra; ficam flutuando no ar, em minusculas bolhas, ou cahem e se misturam com a poeira que o vento levanta e desta maneira são respirados; também podem ser transmittidos directamente no acto de beijar um doente.

### Como se evitam as doenças cujos germens podem ser aspirados

Não visitar as pessoas doentes nem entrar em casa onde haja creanças doentes.

Não consentir que alguém tussa ou espirre na nossa comida nem na nossa face.

Não consentir que se escarre no soalho do alojamento ou no chão da barraca.

Pessoalmente não praticar esses actos.

Assoar-se em um lenço, que pode ser fervido, ou em um pedaço de papel, que pôde ser queimado.

Cobrir o rosto com a mão ao tossir ou espirrar.

Quem anda tossindo ou espirrando, deve logo ser mandado ao medico e inscripto na lista dos doentes. E' um individuo perigoso para toda a companhia.

Lavar o nariz á noute sorvendo agua morna com um pouco de sal, principalmente depois de ter respirado muita poeira.

Escovar os dentes depois de cada refeição e antes de ir para a cama.

Não beliscar ou ferir o nariz com as unhas; isso produz feridas onde se desenvolvem os germens.

Atar um lenço cobrindo a bocca e o nariz, quando se levante muita poeira.

Nunca varrer o soalho com uma vassoura secca. Empregar um panno humido, pois assim os germens são apanhados e levados para fóra, em vez de serem espalhados no ar como poeira.

Doenças ha, como a diphteria, que se evita injectando um antídoto do veneno (toxina) produzido pelo germen, o que se chama *antitoxina*, em quem esteve em contacto com os individuos atacados.

#### **Doenças que se apanham ingerindo os germens**

O intestino é um logar favorável para os germens. Os germens de algumas doenças e os de alguns vermes, quando ingeridos, dão-se bem no intestino e d'ahi entram na circulação. Outros ficam mesmo no intestino. O caso é que os germens e os ovos dos vermes são expelidos com as defecções.

Alguns ovos são ingeridos por animaes e lhes penetram na carne, que se fôr comida mal cozida, produzirá vermes.

*A agua como distribuidor de doenças.* — Se as defecções cahem em aguas correntes, os germens vão ter aos encanamentos das cidades e vilas ou penetram nos reservatórios e poços. Em muitos logares, na roça, o que desce e se infiltra na terra pelas latrinas, sobe pelos poços visinhos depois de um percurso subterraneo.

Nem sempre se pôde julgar, pela apparencia, pelo gosto ou pelo cheiro, se uma agua é ruim. A não ser que provenha de um esgoto ou de uma valla, a agua ruim pôde ser clara e brillante, sem cheiro, de gosto agradável e adocicado.

*Evitar a agua de origem desconhecida.* — As aguas de origens desconhecidas ou estragadas pelos esgotos, devem ser evitadas como mortaes, mesmo sob a forma de gelo, e *semente depois de fervidas* poderão ser usadas para beber, escovar os dentes, lavar saladas e legumes ou as marmitas, etc. Qualquer bebida, principalmente o leite, misturada com gelo ou agua dessa especie é perigosa.

*Os vegetaes como distribuidores de doenças.* — Em algumas localidades os habitantes usam os cursos d'agua para todos os fins: para beber, para lavar roupa, para o banho, usam tambem como esgoto e lavam as fructas e legumes e os utensílios de mesa com agua da mesma corrente. Se as hortas são irrigadas com essa agua, encontram-se germens nas couves, beterrabas, etc.

Nas ilhas Philippinas, Hawaii e na fronteira do Mexico os quitandeiros chinezes costumam irrigar as suas hortas com excremento humano diluido em agua e, em consequencia, encontram-se germens entre as folhas das couves e alfaces, e nas beterrabas, nos aspargos, rabanetes, etc., mesmo depois de uma lavagem em regra.

*Os alimentos, fructas, cigarros e copos como distribuidores de doenças.* — Facilmente os germens passam para as mãos das enfermeiras e dos amigos dos doentes e d'ahi para os artigos de alimentação, fructas, cigarros, copos, canecos, etc., especialmente nos logares publicos, de sorte que, comprando nesses logares, o soldado se arrisca a receber com a sua compra uma doença.

*A mosca como portadora de doenças.* — A mosca commun é um dos peiores e mais notáveis transmissores de doença que existem. As moscas levam os germens das latrinas, escarradei-

ras e quartos de doentes, para a comida que está na mesa, com as suas patas sujas, com as suas defecções e secreções.

*Ninhos de vermes; o cachorro de quartel como distribuidor.* — Os porcos, cães e gatos, o gado e os individuos de hábitos pouco assediados, especialmente as crianças, estão expostos a ter vermes. Os ovos dos vermes são expelidos e não é raro que se peguem ás mãos e d'ahi passem para a bocca. O cachorro de quartel é, muitas vezes, um distribuidor de vermes. Ele se utiliza da lingua como papel de *toilette* e depois lambe o proprio pêlo ou as mãos de seus amigos. É perigoso fazer-lhe festas, a elle ou outro qualquer, dar-lhe as mãos a lamber. Deve-se imediatamente, laval-as.

(Continúa).

#### **A influencia das armas de fogo sobre a tactica e a instrucção da infantaria**

(Conclusão)

148. A campanha de 1870/71 foi a primeira em que ambos os adversarios possuíam armas de retrocarga. No começo da guerra a tactica da infantaria, de ambas as partes, ainda não estava suficientemente amoldada á maior efficacia do fogo. Do lado dos franceses procurava-se tirar partido das vantagens da nova arma exclusivamente pela defensiva; a infantaria allemã ainda entrava no fogo com a tactica que havia dado resultado em face da arma de antecarga: linhas de fogo relativamente fracas, reservas parciais, fortes e numerosas. A maior rasancia da trajectoria, aliada ao grande gasto de munição resultante da retrocarga, traduzia-se pelo alongamento do campo da luta e pelas grandes perdas das reservas sob o fogo dirigido contra as linhas de atiradores.

A ordem de 19. 8. 70 muda a tactica.

O processo de combate da infantaria allemã passa a mostrar fortes linhas de fogo, maiores frentes de combate, menos reservas parciais.

149. O ensinamento dessa campanha quanto á tactica de fogo resume-se em que ao alcance do fogo de fortes linhas de atiradores não se podem manter tropas em ordem unida e que a execução de um ataque deve fundar-se exclusivamente na acção do fogo da primeira linha.

150. Mas ainda não se tiraram as necessarias consequencias para a instrucção tactica da infantaria.

Na campanha de 1877 o ataque russo fracassa sob o fogo turco de linhas tenues de atiradores; na guerra sul africana o va-

lor dos ingleses não consegue quebrar a resistencia de um adversario fraco, sem disciplina, incapaz para o ataque.

151. Ahi se evidenciou novamente que em face de um inimigo que saiba fazer valer a efficacia das armas de fogo não pôde ter justificação o dito de Suvaroff: «a bala é louca, a bayoneta é sabia».

Semelhante teoria já havia sido refutada pelo general von Moltke. (Influencia das melhores armas de fogo sobre a tactica). «Pudéssem os combates á bayoneta tantas vezes consignados nos relatorios franceses sobre a campanha de 1859, ser despidos da sua ornamentação dramatica, pudésse ser determinada a singela verdade prosaica, a grande maioria delles teriam que ser rectificados pela constatação de que sempre o inimigo abalado por perdas mais ou menos grandes se subtrahia ao choque.»

Completando esse asserto, Moltke observa em outro ponto, que o avanço á bayoneta é o ultimo recurso para supplantar o inimigo; o chefe precisa considerar que o ataque á bayoneta não é a primeira, mas a ultima phase do combate.

«Um ataque á bayoneta bem sucedido em circumstancias ordinarias, nada mais prova senão o pouco valor da tropa atacada.»

152. A campanha do oriente asiatico tambem não deu indicações novas sobre as formações tacticas e a instrucção da infantaria. Ella mostrou apenas, como a guerra sul-africana, o aumento da zona rasada pelo fogo, em consequencia do pequeno calibre das armas novas, o que tambem obriga o atacante a abrir o fogo a distancias ás vezes taes que quasi excedem o poder visual do homem para descobrir os reduzidos alvos. O objecto desse fogo longinquo do atacante não é dominar o defensor, resultado este que só se pôde obter ás distancias onde os inevitaveis erros de sua avaliação não mais se fazem sentir, graças á rasancia dos tiros. Não se pôde contar com a efficacia desse fogo longinquo do atacante; elle se destina sómente, como o fogo do shrapnell, a inquietar os atiradores inimigos e a fazer o seu feixe de balas mais disperso e intermitente.

Pela chegada de projectis á posição e diante della torna-se inquieta a mão dos atiradores mesmo valentes, e nos menos corajosos o cobrir-se muda-se em esconder-se.

153. O fogo de metralhadoras representa como efficacia um fogo de infantaria em massa muito concentrado em tempo e espaço.

Como consequencia esta arma presta-se excellentemente para auxiliar a infantaria no ataque e na defesa. Não tem por si mesma nenhuma influencia sobre a tactica e a instrucção da infantaria.

154. Como ao tempo de Frederico o Grande, aquelle dos adversarios que se sentir em inferioridade, seja pelo effectivo numerico, ou pelo armamento ou valor de sua tropa, recorre ao terreno e á sua fortificação artificial, para obter um contrapeso á efficacia do fogo inimigo. De novidade só se apresenta o facto de que tambem o atacante utilisa recursos de protecção artificial que attenuem o effeito assolador do fogo.

## PROJECTO de regulamento para os serviço do exercito em campanha (R. S. C.)

83. — As ordens e partes importantes devem ser, quanto possivel, transmittidas por officiaes.

Se as ordens ou partes a enviar são muito importantes ou se o caminho a percorrer não oferece segurança, pôde ser necessário expedil-los por diversos portadores e por diferentes caminhos. Pelos mesmos motivos, ou devido á grandeza do percurso, pode-se ser obrigado a expedir diversos cavalleiros ou cyclistas que marcharão juntos.

84. — Ao enviar uma ordem ou parte, deve-se calcular onde o destinatario poderá recebel-a, e explicar ao portador a quem e por que itinerario ella deve ser levada; si fôr necessário se lhe fornece um esboço do itinerario a seguir. Deve-se chamar sua attenção para os trechos do caminho especialmente expostos. Em certos casos indica-se a hora em que o despacho deve, o mais tardar, ser entregue ao destinatario. E' preciso indicar sempre aos estafetas onde elles devem ficar depois de cumprida a sua missão.

85. — Os officiaes generaes e superiores têm o direito de tomar conhecimento das comunicações conduzidas por estafetas que com elles se cruzem fazendo nellas a respectiva declaração.

86. — Os estafetas não modificam sua andadura ao passarem por um superior. Em caso de perigo imminente, dizem de passagem, em voz alta, aos cdtos. e ás tropas o conteúdo da comunicação que levam.

Os cavalleiros indicados para esse serviço devem estar educados em indagar com desembaraço o logar em que se acha o destinatario da participação ou ordem de que são portadores. Todo official tem obrigação de informá-los exactamente a esse respeito. Os estafetas não apeiam para transmittir as participações ou entregar as ordens.

87.—Toda unidade de tropa tem o dever de auxiliar a transmissão de ordens e comunicações, mesmo quando não seja para isso solicitada, fornecendo, se necessário fôr, nova montada ao portador.

88.—Para as distâncias até 20 km, indica-se a velocidade de marcha dos estafetas na capa da comunicação, do seguinte modo:

× o kilometro em 7 a 8 minutos;

×× o kilometro em 5 a 6 minutos;

××× velocidade a maior possível, attendendo á resistencia da montada. Para as grandes distâncias, a velocidade é fixada em cada caso particular. O estado do cavalo, o tempo, a natureza das estradas e do terreno pôde determinar grandes alterações na velocidade.

89.—Se se empregam cyclistas, motocycletas ou automoveis, indica-se de forma identica o grão da velocidade exigida em cada caso, por meio de cruzes.

90.—Para garantir a transmissão rápida de ordens e participações em extensos trajectos onde não exista ligação telegraphica ou telephonica de suficiente segurança, pôde ser necessário estabelecer linhas de mudas.

Estas linhas sendo tiradas da cavallaria desfalam a tropa, pelo que só devem ser empregadas quando não se possa fazel-as com cyclistas ou automoveis.

91.—As distâncias entre os postos de muda dependem da extensão total da linha, de seu destino bem como do estado dos caminhos. O efectivo de cada posto varia com a duração de seu funcionamento, a intensidade do trafego e a segurança local.

Em circunstancias communs e para grandes percursos, as distâncias entre os postos dumha linha de mudas de cavallaria são de 15 a 20 km, e de cyclistas, de 30 a 40.

Caso a linha tenha de funcionar durante muito tempo, os postos devem ser rendidos.

92.—As granjas isoladas, junto a estradas, são as melhores estações para postos de muda. Devem-se evitar as povoações maiores sempre que fôr duvidosa a disposição de animo dos habitantes. Como medidas de segurança, podem ser necessarias providencias especias, taes como ameaça de multas ás communidades e tomada de refens.

Colloca-se um homem de sentinelha na estrada. O local do posto é assinalado de dia e de noite e deve ser exactamente conhecido pelo posto visinho. Caso passe muito tempo sem transitar portador, o posto deve certificar-se se ainda existe o posto visinho.

Em zonas infestadas por patrulhas inimigas, podem se tambem estabelecer postos de muda occultos, afastados dos caminhos.

93.—O cdte. do posto registra num livro todos os endereços da correspondencia que passa, inclusive a nota da velocidade, a hora e o nome do portador e do seu substituto; este recebe um bilhete-guia, no qual o posto seguinte atesta o recebimento.

Esse registro não deve retardar a transmissão.

94.—Para a transmissão por meio dos recursos tecnicos de comunicações, vd. 551—563.

#### Princípios geraes para a correspondencia escripta

95.—A forma da correspondencia escripta deve ser a mais simples possível.

96.—As phrases curtas, evitadas as expres-

sões rãs usuaes, facilitam a comprehensão. E' recomendavel relêr, mais de uma vez, o que se escreveu, e collocar-se no ponto de vista do destinatario. Desse modo, achar-se-á em geral uma redacção clara, evitando-se os erros de interpretação.

97.—As expressões «direita», «esquerda», «adiante», «atraz», «aqueum», «alem» devem ser empregados com cautela, e em caso de ambiguidade substituidas pelas direcções dadas pelos pontos cardeas.

Nas designações «flanco direito» (esquerdo), «ala», «flanco-guarda» suppõe-se sempre que a frente está voltada para o inimigo. Convém designar as columnas de marcha pelo nome de seus cdtes., quando não fôr suficiente a simples designação dada na ordem de batalha. A testa e a cauda da columna se reportam ao sentido da marcha.

98.—O espaço comprehendido entre tropas, no sentido da profundidade chama-se «distancia», no sentido lateral «intervallo».

99.—As datas são abreviadamente expressas pelos numeros do dia, mês e dos 2 ultimos algarismos do anno: 10. 9. 18.

Os minutos escrevem-se como expoente do numero indicativo da hora: 9<sup>00</sup>; 12<sup>05</sup>; 18<sup>15</sup>.

A noite pôde ser indicada pelos numeros dos 2 dias vizinhos, separados por um traço obliquo: 15/16. 8. 18. E' preciso cuidado no emprego das expressões: «hoje», «hontem», «amanhã».

100.—E' preciso escrever muito nitidamente os nomes de localidades, copiando-os fielmente da carta; se numa região ha mais de uma localidade com o mesmo nome, é preciso completar a referencia com outra indicação (Capella 3 km a NE. de Rio Claro). Identico recurso se emprega para localidades difficiles de achar na carta.

As localidades que têm mais de um nome ou cujo nome é seguido de uma designação complementar, devem ser referidas com o mesmo por completo (Tres Corações do Rio Verde).

Uma localidade de que se ignora o nome deve ser designada de acordo com a sua situação, referindo-a a pontos notaveis e inconfundiveis do terreno.

101.—As estradas são em regra designadas pelo nome de duas das localidades que ligam. E' preciso especial cuidado na designação de entroncamentos ou cruzamentos de estradas, bem como saídas de localidades; nem sempre é bastante designar estas pelas direcções cardeas.

102.—Na maioria dos casos as ordens que se referem ao terreno, devem ser redigidas de acordo com a carta, mesmo que o destinatario não a possúa.

Por isso, só quando se sabe que o destinatario dispõe da mesma carta fazem-se indicações que só com ella possam ser entendidas. Em caso de dúvida, menciona-se a carta de que se fez uso.

Em geral, a designação de um ponto pela cota precisa de uma referencia complementar, pois a mesma pode repetir-se na região (cota 225, 1 km ao SO. de...).

103.—Na designação de accidentes do terreno, de zonas ou de posições ocupadas por tropas, começa-se, sempre pela ala direita das tropas amigas e pela esquerda do inimigo.

104.—Para a designação de commandos e de tropas, podem-se empregar abreviaturas que não dêem lugar a duvida, p. ex.: 4.<sup>a</sup> D. E.; 5.<sup>a</sup> Br.

A.; 3.<sup>a</sup> Br. C.; 6.<sup>o</sup> R. I.; 14.<sup>o</sup> R. C.; 8.<sup>o</sup> R. A.; 43.<sup>o</sup> Caç.; 27.<sup>o</sup> B./9.<sup>o</sup> R. I.; 5.<sup>o</sup> S. E.; 20.<sup>o</sup> G. A. (M.); 17.<sup>o</sup> G. A. (C.); 10.<sup>o</sup> G./4.<sup>o</sup> R. A.; 3.<sup>o</sup> G. C.; 5.<sup>o</sup> C. T.; 3.<sup>o</sup> B. Pe.; Cdo., 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup> B./1.<sup>o</sup> R. I.; Cdo., 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup>/6.<sup>o</sup> R. A.; 5.<sup>o</sup> G. O.; 1.<sup>o</sup> C. M.; C. I. m.; C. S.

105.—Toda a correspondencia deve ser escripta com tal clareza que possa ser lida mesmo com illuminação má. Não se devem empregar tintas ou lapis de natureza que a escripta soffra caso se molhe (chuva!).

106.—Os documentos escriptos a lapis que tenham de ser archivados, o destinatario deve fixar previamente os seus caracteres por meio dum liquido apropriado (leite, solução fraca de gomma arabica, etc.).

107.—Para as folhas de avisos a usar pela tropa, emprega-se o modelo junto.

A casa «remettente» não leva o nome, mas a designação do orgão (3.<sup>a</sup> D. I.—P. posto n.º 2 da 3.<sup>a</sup>/52.<sup>o</sup> B. Caç.—Patr. off. 4.<sup>o</sup>/13.<sup>o</sup> R. C.).

O endereço é identicamente abreviado:

«A' 5.<sup>o</sup> Br. I.» ou «Ao cdte. da vanguarda».

A assignatura deve ser bem clara, dando nome e posto do remettente. Por ultimo escreve-se o lugar da expedição, a hora e os minutos. O destinatario dá recibo, com declaração da hora.

O papel deve ser consistente, não grosso. Os quarteis-generaes não precisam observar o mesmo modelo; recommendam-se blocos com papel transmissor.

Convém numerar as participações do mesmo remettente (p. posto, patrulha, oficial de informações, etc.)

Só se fecha o aviso se o seu conteúdo fôr de natureza secreta ou pessoal.

Neste caso é preciso escrever a indicação: «pessoal». (Continua)

## AGRADECIMENTO

**Aos innumeros camaradas que nos têm honrado com cartas e telegrammas de applauso pelas nossas publicações, agradecemos o seu generoso concurso e asseguramos que muito nos conforta a certeza de que estamos interpretando os seus elevados sentimentos.**

## Os progressos da "A Defeza Nacional"

Com este numero que completa o 5.<sup>o</sup> anno a tiragem d'«A Defeza Nacional» é aumentada para 1700 exemplares.

Isso devemos em grande parte á actividade e intelligencia da quasi totalidade dos nossos dignos representantes que, convencidos dos ideaes desta revista militar, não pouparam esforços na luta pela sua causa q'te é a causa do Exercito.

Folgamos ainda em registrar que tambem a nossa permute com revistas militares estrangeiras tem augmentado bastante, por iniciativa dessas revistas, surprehendendo a nossa modestia e con-

stituindo um estímulo para todos os que connosco collaboram.

Encerramos o quinto anno de existencia e, cheios de animo, entraremos no seguinte, procurando, como até agora, applicar todos os recursos que sobrarem da formação do nosso pequeno fundo de reserva em trabalhos de reconhecida utilidade, distribuidos em fasciculos como supplementos da revista.

Devemos mais uma vez consignar aqui um agradecimento ás autoridades que nos têm facilitado a impressão da maior parte desses fasciculos. Essas autoridades, depois de verificarem que o assumpto é conveniente para a instrucção do Exercito, facilitam-nos a impressão, correndo por conta da revista o preço do papel e dos outros serviços como dobrar, grampear, etc.

A elles, principalmente, os nossos leitores devem agradecer o serviço que conseguimos prestar; pois, embora «A Defeza Nacional» não proporcione lucros pecuniarios a seus mantenedores, seria impossivel sem esse auxilio realizar tais distribuições gratuitas.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

*Boletin del Ministerio de Guerra y Marina*, do Perú — Junho de 1918.

*Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia* — n.<sup>o</sup> 70.

*O Sul Rural* — n.<sup>o</sup> 2 — Revista mensal ilustrada, publicada em Porto Alegre.

*A 43* — n.<sup>o</sup> 9 do mez de Agosto.

*Boletim da Sociedade Medico-Cirurgica Militar* — Março-Abril 1918.

*Instrução de padioleiros*.

*O Tiro de Guerra* — Agosto.

*Memorial del Ejercito de Chile* — Agosto 1918.

*Boletin de Engenieros* — Mexico — Março 1918.

*Revista del Centro Militar y Naval* — Montevideo — Julho de 1918.

*Alvorada*, dos alumnos do Collegio Militar de Barbacena.

*Batalha do Riachuelo*, bella conferencia realizada em 11. 6. ultimo no Theatro Municipal de S. Paulo, pelo Exm.<sup>o</sup> Sr. General Barbedo.

*Lições de Historia Militar*, pelo 1.<sup>o</sup> ten. José Joaquim de Andrade, do Curso de Aperfeiçoamento da Instrucção de Infantaria.

## EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assignantes que façam no 2.<sup>o</sup> oitavo distribuido com o n.<sup>o</sup> 59 a corrigenda seguinte: pagina 13 — Enfrenamento — 3.<sup>a</sup> linha a contar de baixo, em lugar de «cachaceira faceira» na fig. 2 representar o suspensorio (na fig. só saiu com a letra e) ligando a faceira á focinheira a cerca de 3mm da argola da juncção (d).

\*

\* \*

Está **exgottado** o «Guia para o ensino da tactica».